INSTITUTO SUPERIOR DE ANGOLA

A INDISCIPLINA ESCOLAR E SUA INFLUÊNCIA NO APRENDIZADO DOS ALUNOS DA 9ª CLASSE. CASO: ESCOLA DO Iº CICLO Nº 5002 DO MUNICÍPIO DO VIANA/LUANDA

Autor: Moisés António Abel de Oliveira

Orientador: Msc. **Ezequiel Lupassa**

ICOLO-BENGO, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEGAGOGIA

A INDISCIPLINA ESCOLAR E SUA INFLUÊNCIA NO APRENDIZADO DOS ALUNOS DA 9ª CLASSE. CASO: ESCOLA DO Iº CICLO Nº 5002 DO MUNICÍPIO DO VIANA/LUANDA

Trabalho de Fim de Curso apresentado no Instituto Superior de Angola, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Professor, MSc. Ezequiel Lupassa.

ICOLO-BENGO, 2025

DEDICATÓRIA

Aos meus pais António de Oliveira e Adriana Abel pela trajectória que nos permitiram trilhar, desde os cuidados, formação e orientação para que hoje pudéssemos com verticalidade levantar e participar da vida social.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradecemos a Deus pelo fôlego de vida. Em segundo lugar, queremos agradecer ao ISA, Instituição que nos permitiu o alcance da formação, que hoje se remete à prova pública.

Ao meu orientador, Professor Mestre Ezequiel Lupassa e todos docentes que durante o ciclo formativo debitaram parte do seu conhecimento e experiência para que a nossa formação fosse um êxito.

Aos colegas de trajectória, pela grande família que construímos.

A minha esposa, Conceição Paulino de Oliveira, meus filhos e irmãos pelo carinho que por nós nutrem o que constitui a força motriz para encarar a vida com esperança e novas perspectivas.

RESUMO

O presente trabalho, com o tema: *A indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos da 9ª classe, caso da e*scola do Iº ciclo nº 5002 do Município do Viana/Luanda resulta da constatação com gravidade de actos de indisciplina, cujos efeitos são perversos para a sociedade, se forem ineficazes os mecanismos de controlo da mesma pelos agentes do processo educativo: Professores, na sala de aulas e fora dela, na comunidade escolar e os encarregados de Educação (famílias) e demais instituições axiológicas (Igrejas) e parceiros sociais. É na base desta observação que a influência da indisciplina escolar torna-se negativa, na medida em que contribui para o mau ambiente escolar e produz baixos rendimentos no aprendizado do aluno; a ausência da família na vida escolar dos educandos, a desmotivação dos alunos face as aulas monótonas, sem criatividade e o despreparo do professor, desatualização e domínio da turma têm estado na base deste flagelo. Apoiado no método descritivo e bibliográgico, assente no tipo de pesquisa qualitativa e quantitativa, cujo objectivo geral centra-se em *compreender as causas da indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos.* Os específicos consistem em determinar concepções teóricas que fundamentam a indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos, diagnosticar a situação actual da indisciplina e apresentar sugestões válidas para preveni-la. A amostra é de 56 indivíduos, debruçar-se sobre fenómeno que se faz crónico, gera o baixo rendimento e deficitária (fragilizada) formação. É responsabilidade da escola controlar, pelo seu papel social útil, na construção da cidadania.

Palavras-chave: *Indisciplina escolar, influência, Aprendizado, Aluno.*

ABSTRACT

This paper, entitled "School indiscipline and its influence on the learning of 9th grade students," addresses the case of 1st cycle school No. 5002 in the municipality of Viana, Luanda. This study is based on the serious observation of acts of indiscipline, whose effects are perverse for society if the mechanisms for controlling such indiscipline are ineffective. These include teachers, both in and out of the classroom, the school community, guardians (families), other axiological institutions (churches), and social partners. It is based on this observation that the influence of school indiscipline becomes negative, as it contributes to a poor school environment and produces low student learning outcomes. The absence of family members in students' school lives, student demotivation in the face of monotonous, uncreative classes, and the teacher's lack of preparation, lack of current knowledge, and lack of control over the class have been at the root of this scourge. Based on descriptive and bibliographical methods, the study uses qualitative and quantitative research. The general objective is to understand the causes of school indiscipline and its influence on student learning. Specific objectives include determining the theoretical concepts underlying school indiscipline and its influence on student learning, diagnosing the current state of indiscipline, and presenting valid suggestions for its prevention. The sample consisted of 56 individuals, and the study focused on a chronic phenomenon that leads to low performance and deficient (fragile) education. It is the school's responsibility to monitor this, given its useful social role in building citizenship.

Key words: School indiscipline, influence, Learning, Student.

LISTAS

Tabela Nº I 355
Tabela Nº II 366
Tabela NºIII 377
Tabela NºIV 398
Tabela Nº V 39
Tabela Nº VI 410
Tabela Nº VII 421
Tabela Nº VIII 432
Tabela Nº IX 443
Tabela Nº X 465
Tabela Nº XI 476
Tabela Nº XII 498
Tabela Nº XIII 49
Tabela Nº XIV 521

ÍNDICE

DEDICATÓRIA III

AGRADECIMENTO IV

RESUMO V

ABSTRACT VI

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 8

1.1 – Definição de Termos e Conceitos 8

1.1.1 – Definição de Termos 8

1.1.2 – Definição de Conceito 9

1.1.2 – Abordagem Teórica 10

1.1.2. 1 – Contexto histórico da indisciplina escolar 10

1.1.2.1 – Enquadramento conceptual 13

1.1.3 A indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos 15

1.1.3.1 - Causas da Indisciplina 15

1.1.3.2. Acções que podem minimizar a indisciplina na educação escolar 18

1.1.3.3 Participação da família na escola 20

1.1.3.4 - Estrutura Familiar Modificada 24

1.1.3.5. Influência dos meios de comunicação na educação 26

1.1.3.6. Relação professor e aluno 29

CAPÍTULO II: METODOLOGIA 31

2.1 - Tipo de pesquisa 31

2.2 - Metodologia Aplicada 31

2.3 Abordagem da Pesquisa 31

2.4- Técnicas de Amostragem e de Colecta de Dados 32

2.7.1- Técnicas 32

2.7.2– Instrumentos 33

2.4.1 – População e Amostra 33

CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS 34

CASO PRÁTICO: OS ALUNOS DA 9ª CLASSE DA ESCOLA DO Iº CICLO Nº 5002 DO MUNICÍPIO DO VIANA/LUANDA ..... **Erro! Indicador não definido.**

3.1. 1 – Caracterização da Escola do Iº Ciclo do Ensino Secundário nº 5002 34

4.1.1 - Corpo Directivo 34

4.2 - Apresentação de dados recolhidos, análise e discussão dos resultados 34

4.3- População e Amostra 34

1. Para os pais e encarregados de educação 35

CONCLUSÕES 54

SUGESTÕES 55

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55

APÊNDICE

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar é vista em Angola como um fenómeno que se tem tornado crónico, por se manifestar, ao longo dos anos, empecilhando o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, ferindo princípios normativos, atordoando profissionais e autoridades, e evidenciando outros fenómenos como o baixo rendimento e uma formação fragilizada. Obviamente, nenhum sistema terá condição de produzir com qualidade, quando há problemas no seu organismo, sobretudo quando se trata de uma das mais delicadas tarefas humanas.

Diante disso, surge as inquietações de todos aqueles que fazem parte do currículo pedagógico/andragógico e que conduzem visões embasadas nas leis educacionais. Por ser a escola uma grande e exclusiva contribuidora na construção da cidadania, requer atenção diferenciada do sistema educacional. Ou se muda a prática educacional, com a criação de métodos inovadores, normativas mais rígidas e a seriedade que ela merece, ou continuaremos assistindo a esses filmes perversos e a construção de uma formação alienada.

São casos que se repetem, ano após ano, sem que se consigam soluções satisfatórias. É um desafio para as instituições de ensino, lidar com esse problema todos os dias e, buscam incansavelmente a melhor maneira de resolver os casos de indisciplina que ocorrem no ambiente escolar, para que não prejudique o aprendizado dos alunos.

Hoje em dia, em qualquer reunião de cunho pedagógico a palavra “indisciplina” sempre aparece como componente de pauta. Certamente, por ser um dos empecilhos no processo de ensino-aprendizagem, torna-se sendo a palavra cogitativa e, portanto, inesquecível por aqueles que a vivenciam, ao longo de suas actividades escolares. A indisciplina discente, tem sido a verdadeira propiciadora das constantes reuniões de pais e mestres nas instituições de educação básica, tendo em vista ser considerada, pelos profissionais da educação, um dos principais obstáculos no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda, o professor deixa o seu papel de educador e assume uma responsabilidade que, por certo é dos pais, de ensinar a esses alunos regras básicas de convivência social e respeito ao próximo, para que consiga restabelecer a ordem e seguir com a aula. Diante desse caos promovido por alunos indisciplinados e professores cansados e estressados, por não conseguirem cumprir o seu papel de educador, não haverá aprendizagem satisfatória, nem mesmo profissionais realizados, não ocorrerá momentos para serem lembrados com saudades por nenhum dos membros envolvidos.

A indisciplina pode estar presente em vários ambientes, mas é na escola que se evidencia a sua gravidade, pois em outros lugares pode haver à tolerância, já na escola há regras à serem cumpridas. Como menciona TIBA (2006),

É na sala de aula, no relacionamento com os professores, que surge a indisciplina que a família sempre tolerou, fez vistas grossas e deixou passar. E a escola tem por função, intermediar à família e a sociedade para atenuar esses desencontros, pois indisciplina a família pode tolerar, a escola não admite e a sociedade poderá punir (TIBA, 2006, p. 126).

Acredita-se que um dos principais motivos da indisciplina discente seja provinda da desestrutura familiar, tendo em vista ser esta o primeiro espaço social que o indivíduo participa, passando a maior parte da vida. Costumeiramente, as escolas vêm recebendo alunos advindos de famílias desestruturadas, sem formação e que, certamente, não valorizam à educação. Nesse ínterim, há uma variedade de pais: tradicionais, separados ou com outros cônjuges, alcoólatras, drogados e, de certa forma, sem compromisso com a missão de “educar”.

O fenómeno “indisciplina escolar” é tudo aquilo que vai na contramão das normativas pré-estabelecidas pelas leis educacionais. São práticas depreciativas e que ferem às directrizes regimentais da instituição escolar. Logo, quando ouvimos a palavra “indisciplina”, nos vem à mente uma enxurrada de expressões incomodativas e carentes de intervenções. A indisciplina escolar pode ser representada por desvios comportamentais, físicos e verbais no seio do recinto educacional.

Na prática, são verdadeiras aulas de mau comportamento, servindo assim, de modelo para crianças e jovens, onde estes passam a reproduzir o que aprendem com a "escola da vida", tornando incentivo para eles, um convite à indisciplina e acabam levando esse aprendizado também às salas de aula. Porém a escola não está preparada para atender esses alunos, os professores sentem dificuldades em atender esse público que vem carregado de informações, problemas familiares e sentimentos variados.

O presente trabalho, justifica-se na medida em que há uma série de factores que podem gerar a indisciplina escolar e empecilhar o processo ensino-aprendizagem. São práticas que ferem as normativas educacionais, abalam o psicológico dos professores e desnorteiam os objectivos propostos, além de gerar um constrangimento imensurável no âmbito educacional. Concretamente na escola do Iº Ciclo nº 5002 do Município de Viana,destaca-se actos como:

- Aulas monótonas, tradicionais e isentas de material didáctico e tecnológico, que possa oferecer algo inovador e a atracção da atenção dos alunos, uma vez que a juventude actual tem um tempo de atenção limitado, está mergulhada no mundo digital, que traz coisas boas e outras ruins. Isso faz com que o tempo de atenção seja limitado;
- Excessivo número de alunos em classe, impossibilitando a comodidade entre os eles, a ludicidade, o trabalho em grupo e a formação de círculo das carteiras, quando necessário;
- A falta de preparo dos professores, o que envolve desde inexperiência em sala de aula até profissionais alocados em disciplinas fora de sua área de formação;
- Espaço inadequado, com ausência de refrigeração, de iluminação e/ou de ordem disciplinar;
- Fraqueza ou inexistência de parceria recíproca entre escola e família, uma vez que o currículo pedagógico exige um conjunto de preocupações, tendo em vista que nenhum processo funcionará bem se os seus componentes não trabalharem de forma homogénea;

- Inércia do professor, com ausência de autoridade, de diálogo convincente, de estratégias atenuadoras e de profissionalismo;
- A praxe de convivência em um meio social poluído, ladeado às más companhias e com influências às drogas, roubos, bullyings, além de outras práticas que vão ao encontro da violência;
- Família desestruturada, afectiva, moral e socialmente, alheia à importância da escolarização e, consequentemente, sem compromisso com o currículo pedagógico;
- Falta de motivação dos alunos, por não terem sido, anteriormente, instruídos pela família sobre a importância da formação para a vida;
- Alunos provindos de famílias com problemas, com registros de separações, mortes, brigas, más criações, supostamente, oriundas do analfabetismo;
- Ausência ou falta de praxes do regimento interno escolar para todos os segmentos da instituição, sobretudo, para os alunos, com explicidade dos seus direitos, deveres e, principalmente, das vedações de actos infraccionais com a implicação de medidas educativas previstas nos artigos vigentes;

Como consequência, o resultado é baixo aproveitamento do aluno em relação ao conhecimento, a exclusão social, a violência, a agressividade para com os colegas e professores, entre outros.

Segundo Carvalho (2017) a indisciplina escolar é um fenómeno oriundo de muitas causas e uma das principais vilãs responsáveis pelo baixo rendimento escolar. Trata-se de um problema crónico e inescrupuloso que vem, ao longo dos anos, proporcionando acentuada preocupação aos profissionais da educação e a sociedade, e contribuindo para a uma formação fragilizada. A cidadania, não pode ser construída de qualquer jeito ou em desarmonia com os que a constrói. Por isso, há a necessidade de ajustamento e equilíbrio entre todos os segmentos do currículo escolar para a sua efetivação.

PROBLEMA

Tendo em conta ao que se expõe dentro da temática em estudo, verificamos que no processo de ensino/aprendizagem a indisciplina na sala de aula compromete o trabalho do professor e consequentemente o aprendizado dos alunos, uma vez que seu entendimento requer dos envolvidos dedicação e comprometimento pleno. A indisciplina escolar pode trazer consequências desastrosas para os alunos e todos envolvidos neste contexto, atrapalha o rendimento escolar de toda turma. (fonte de autor)

Fruto da observação feita, constatou-se actos de indisciplina por parte dos alunos da 9ª classe da escola do Iº Cíclo nº 5002 do município do Viana, algumas vezes com alguma gravidade. Com este fenómeno, se a indisciplina não for controlada pelo professor na sala de aulas, como fora dela, na comunidade escolar e os encarregados de Educação, pode gerar, posteriormente consequências graves para a sociedade.

PROBLEMA

Esta constatação justifica a formação do seguinte problema científico: *Qual é a influência da indisciplina escolar no aprendizado dos alunos da 9ª classe da Escola do Iº Ciclo do nº 5002 do Município de Viana?*

HIPÓTESES

H_1 – A influência da indisciplina escolar é negativa, na medida em que contribui para o mau ambiente escolar e produz baixos rendimentos no aprendizado do aluno,

H_2 - A indisciplina escolar resulta, como consequências, no baixo rendimento, numa aprendizagem fragilizada e, muitas vezas, na evasão escolar

OBJECTIVO GERAL

Aristóteles, citado por Haydt (2003), afirma que “o mais importante nos nossos actos da vida humana, é, definir metas as quais desejamos atingir, a exemplo dos arqueiros que apontam para um alvo certo”.

Compreender as causas da indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos da 9ª classe da Escola do Iº Ciclo nº 5002 do Município de Viana.

ESPECÍFICOS

- Determinar as concepções teóricas que fundamentam a indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos.

- Diagnosticar situação actual da indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos.

- Apresentar sugestões válidas para mitigar (*prevenir*) a indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos da 9ª classe da Escola do Iº Ciclo nº 5002 do Município de Viana.

Através de pesquisa realizada com questionários aplicados aos pais, alunos e professores, pode-se refletirá sobre a indisciplina a partir dos mais variados enfoques, pois cada um dos envolvidos, certamente, vai apresentar pontos de vista diferentes. É importante a avaliação de cada caso, para que seja entendido separadamente. Assim sendo, pais e encarregados de educação, alunos e professores, se tornarão aliados para o bom desenvolvimento escolar dos educandos.

JUSTIFICATIVA

Por causa das dificuldades encontradas pelos professores, concretamente na escola do Iº Ciclo nº 5002 do Município de Viana, são inúmeras, desde falta de participação nas aulas, a recusa dos alunos indisciplinados em aceitar as regras estabelecidas, a desmotivação que acompanha tanto o professor quanto o aluno, a falta da família no acompanhamento escolar do seu educando, razão pela qual levou a

pesquisar este tema e trazer algumas propostas às entidades do processo para mitigar este fenómeno da indisciplina na sala de aula. Como consequência, o resultado é baixo aproveitamento do aluno em relação ao conhecimento, a exclusão social, a violência, a agressividade para com os colegas e professores, entre outros.

Limitação do Tema

Em termos de dificuldades existentes na elaboração temos a destacar: o acesso limitado a subsídios para fundamentação teórica do tema, a resistência por parte de alguns entrevistados, principalmente, alunos e encarregados de educação quanto a partilha de experiências ou ponto de vista sobre o assunto em voga

Delimitação do Tema

A abordagem delimita-se em torno da Escola do Iº Ciclo nº 5002 do Município de Viana, com particular realce aos alunos da 9 classe, cujo período circunscreve-se nos anos compreendido entre (2024 -2025).

Estrutura do trabalho

O trabalho foi estruturado em: Introdução e três capítulos:

Na introdução consta o tema e atualidade do problema, os objectivos geral e específicos, a importância do estudo e estrutura do trabalho.

No capítulo I, *Fundamentação Teórica* - desenvolve-se um quadro teórico conceptual do tema que servirá de referência à discussão e interpretação dos resultados, abordamos a indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos e suas devidas implicações, bem como as vias para mitigar o flagelo.

No capítulo II, *Metodologia* - constam os métodos, as técnicas e os instrumentos empregados na recolha de dados e no processo de pesquisa em geral. Refere-se ainda a população e amostra, como também o tipo de pesquisa.

No capítulo III, *Discussão e resultados* - apresentamos os dados recolhidos, análise e discussão dos resultados tendo por base o referencial de análise construído em torno da problemática. Por último, apresentamos as conclusões seguidas de bibliografia consultada e os respectivos apêndices e anexos

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 – Definição de Termos e Conceitos

1.1.1 – Definição de Termos

Indisciplina: Falta de disciplina ou insubordinação. Comportamento relativo a quem não tenha disciplina. Entretanto, a referida expressão tem conotação de falta de método ou desordem. É relativo ao indivíduo rebelde, indisciplinado. (Camacho e Tavares, 2010, p.384)

Educação: É entendido como a realização integral e feliz da pessoa humana (Viegas, 2012). O processo educativo (educação) consiste, na visão do autor em referência, levar o homem a tornar-se cada vez mais homem, a poder ser mais e não só o poder ser mais. Percebido num jogo que visa a realização e a felicidade da pessoa. Daí o facto de não se poder cair no ilusionismo de limitá-la, como uma etapa da vida, mas compreender que, a educação é a própria vida (2012. p. 11)

Escola: Trata-se de um estabelecimento onde se ensinam os alunos que ali frequentam, compreende-se ainda como local da busca pela aprendizagem. Doutrina, estilo, método, sistema. Associa-se a escolarização ou, mediante a frequência de espaços de ensino, isto é, escolarizar (Camacho e Tavares, 2010, p. 260). Podendo ainda, a escola, ser compreendida como o lugar onde o aluno aprende que, para se socializar, é preciso obedecer as regras impostas pela sociedade (Veigas, 2012).

Responsabilidade: deriva da palavra latina responsabilidade, cuja significação nos remete para obrigação de responder ou tomar conta dos próprios actos, face aos de terceiro (outrem), podendo significar ainda confiança (Dicionário Prático Ilustrado – Lello, 1986,p. 10,36)

Aluno: Aluno, segundo Jean Piaget, é o sujeito ativo envolvido no processo de construção do conhecimento, que utiliza os seus esquemas cognitivos para assimilar e acomodar novas experiências, promovendo o desenvolvimento intelectual mediante a equilibração entre estruturas mentais e estímulos do externo (Piaget, 1952/1996).

1.1.2 – Definição de Conceito

Indisciplina Escolar: insere-se a disciplina, na escola, que compreende-se na visão de vários autores, dos quais se destaca Magalhães Jr (2002), ao se referir à ela, disciplina, decorrente no local de ensino ou espaço escolar, como um instrumento auxiliador na afirmação da "ordem", sendo esta uma emanação ou e representação dos interesses colectivo (grupo). Porquanto, o seu inverso é que se pode designar por indisciplina escolar. Ou seja, a alteração da ordem, por via da violação dos códigos de conduta institucional ou regras pré-definidas. Uma situação manifestada, por via da desorganização.

Tal facto destaca Aquino (1996, p.40) como confusão ou perturbação, excessos ou violação dos limites, procedimento indevido, desautorização às figuras de autoridade (desrespeito). Entre muitas depreciáveis situações

Responsabilidade social: Tem a ver com a harmonização da forma responsável das acções das instituições ou organizações para como a sociedade. O presente conceito, traduz-se no facto de as instituições ou organizações optarem voluntariamente por ajudar a sociedade, para que se alcance comunidades equilibradas. (Cabral, 2002).

Aluno indisciplinado: para Estrela (2002, p. 47), a indisciplina corresponde ao conjunto de comportamentos que perturbam o funcionamento da sala de aula e que se manifestam sob formas variadas, desde a simples agitação até à contestação aberta da autoridade do professor. Esta definição sublinha que a indisciplina pode ir desde manifestações aparentemente leves até comportamentos graves que inviabilizam o processo pedagógico.

Nessa linha, Garcia (2013, p. 88) acrescenta que "o aluno indisciplinado não pode ser visto apenas como transgressor, mas como alguém que exprime necessidades ou conflitos que não encontram espaço de expressão adequada na instituição escolar". Isto mostra que, muitas vezes, a indisciplina é uma forma de comunicação de problemas emocionais, familiares ou de integração escolar.

Deste modo, o aluno indisciplinado pode ser definido como o sujeito que, em determinado contexto escolar, manifesta comportamentos contrários às regras

institucionais e pedagógicas, prejudicando a si próprio, aos colegas e ao professor, mas que deve ser analisado numa perspectiva ampla, integrando factores sociais, afectivos, familiares e pedagógicos.

1.1.2 – Abordagem Teórica

1.1.2. 1 – Contexto histórico da indisciplina escolar

Não é possível demarcar o local e o período em que se terá verificado o primeiro caso de indisciplina escolar. Mas, pode-se apontar referências relacionadas ao fenómeno. Entretanto, a questão em causa, é aliado a vários factores, os quais concorrem para verificação desta situação em recintos escolares.

A indisciplina escolar refere-se a comportamentos inadequados e desrespeitosos que ocorrem no ambiente educacional, afecta não apenas o aprendizado individual, mas também o clima escolar como um todo. Esses comportamentos podem incluir desde a falta de respeito às regras da escola até acções mais graves, como agressões físicas e verbais. A indisciplina pode ser um reflexo de diversos factores, incluindo problemas familiares, dificuldades emocionais e a influência de grupos sociais.

Nesta ordem de ideias, advoga-se que a indisciplina escolar representada em múltiplas nas mais variadas formas, desde o atirar o arremessar de um papel ao colega ou ouro objecto, conversas que distorcem o correcto prosseguimento da aula, o que inclui a violência e vandalismo no ambiente escola. (Aquino ap. Tavares, 2012, p. 11)

Atendendo ao facto da necessidade de existência de normas como pressuposto para o equilíbrio e harmonia da sociedade e, uma vez violados, os códigos de conduto ou normas, belisca-se a sã convivência entre os constituintes da sociedade. Desta feita, as normas e regras, de que cuja importância é inquestionável, pois contribuem para a saudável convivência em ambiente escolar. Porém, será responsabilidade do professor a manutenção da ordem, na sala de aula. Responsabilidade indissociável ao corpo directivo. Ou seja, dos directores e pedagogos nos espaços escolares.

Outrossim, é preciso destacar Tavares (2012, p. 10), que elucida as ocorrências de acto associados a indisciplina, num posicionamento que aponta o antes e o agora.

Antes, os castigos (físicos) aplicados ao aluno a titulo repreensivo visava desinibir as referidas práticas. A figura dos professores estavam associadas a autoridade. E, sobre estes, os alunos devotavam respeito e obediência.

Contudo, dada as dinâmicas do tempo, a escola descurou-se de práticas repreensivas e violenta. De contrário, valora a democracia e o respeito aos cidadãos. A escola fez-se no lugar pelo qual o aluno aprende que, para se socializar, é preciso obedecer as regras impostas pela sociedade.

A escola, por conseguinte, tem a necessidade de normas orientadoras para o seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Isto é, a disciplina na escola é um factor determinante para o bom desenvolvimento do aprendiz e do professor. (2012, pp 11-12)

A evolução das práticas escolares reflete uma mudança de paradigma, deixando de lado a punição física e autoritária em favor de valores como democracia, respeito e convivência harmoniosa. Atualmente, a disciplina escolar é fundamentada no cumprimento de regras e procedimentos que promovem o diálogo, a cooperação e o desenvolvimento integral de estudantes e professores, reforçando a importância de um ambiente de respeito mútuo para o bom funcionamento da instituição e o crescimento de todos os envolvidos.

A indisciplina escolar refere-se a comportamentos inadequados e desrespeitosos que ocorrem no ambiente educacional, afectando não apenas o aprendizado individual, mas também o clima escolar como um todo. Estes comportamentos podem incluir desde a falta de respeito às regras da escola até acções mais graves, como agressões físicas e verbais. Podemos dizer que indisciplina pode ser reflexo de múltiplos factores, incluindo problemas familiares, dificuldades emocionais e a influência de grupos sociais.

Segundo Charlot (2013, p. 45), a indisciplina está relacionada a uma “crise sentida da escola”, na medida em que muitos alunos não percebem a utilidade do conhecimento escolar no seu quotidiano, o que gera comportamentos de resistência e desmotivação. Esta constatação reforça a ideia de que o fenómeno é também social e cultural, para além de pedagógico.

Vasconcellos (2015, p. 62) explica que a indisciplina não pode ser entendida apenas como desobediência às normas, mas como resultado de uma relação pedagógica que não conseguiu despertar no aluno a consciência crítica e o compromisso com a convivência democrática.

Assim, a gestão da indisciplina deve ser vista como parte integrante do processo educativo e não apenas como uma questão disciplinar isolada.

Perrenoud (2008, p. 113) acrescenta que a indisciplina deve ser pensada em articulação com as práticas de ensino, pois aulas pouco significativas e metodologias tradicionais tendem a potenciar comportamentos desviantes.

Para o autor, a melhor forma de reduzir a indisciplina é através da construção de situações de aprendizagem mais activas, nas quais o aluno se reconheça como protagonista.

Garcia (2009, p. 88) aponta ainda que a autoridade do professor precisa de ser constantemente reconstruída em contextos democráticos, baseando-se mais na competência pedagógica e na relação de respeito mútuo do que no medo ou na imposição. Podemos compreender no dito de garcia que a evolução das práticas escolares, que passaram de modelos autoritários e repressivos para concepções centradas no diálogo e na cooperação.

Nesta perspectiva, Libâneo (2012, p. 141) reforça que a disciplina escolar, nos dias de hoje, deve estar fundamentada em princípios de participação e responsabilidade partilhada, onde a escola e a família constroem juntas normas que promovem o desenvolvimento integral do aluno.

A evolução das práticas escolares reflecte, portanto, uma mudança de paradigma: o abandono das punições físicas e autoritárias em favor de valores como democracia, respeito e convivência harmoniosa. Actualmente, a disciplina escolar está fundamentada no cumprimento de regras e procedimentos que promovem o diálogo, a cooperação e o crescimento integral de estudantes e professores, reforçando a importância de um ambiente de respeito mútuo para o bom funcionamento da instituição e o desenvolvimento de todos os envolvidos.

1.1.2.1 – Enquadramento conceptual

Existe uma variedade de definições sobre a indisciplina, as quais suscitam acalorados debates, por parte de muitos autores, porém, fica a ideia patente dos professores, numa onda de mobilização que visa a melhoria do ou no relacionamento, professor-aluno e vice-versa. Cujo fim, busca o bom desenvolvimento do educando e a sua satisfação profissional.

Entretanto, todo comportamento desviado ou toda perversão da norma ou forma de transgressão às regras, assume-se como indisciplina. Assim descreve Tomelin (2007, p. 31).

Combase no pensamento do autor acima citado,podemos deduzir que todo acto comportamental que foge da normalidade esperada na instituição escolar. Admite ainda que, se a escola estabeleceu normas é porque são importantes para o bom funcionamento da instituição.

Ao passo que Aquino (1999), aponta o conceito de indisciplina, associado a toda criação cultural, que não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Vai mais longe e diz que a indisciplina se relaciona com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade. Os educandos vêm de culturas e valores diferentes entre si, por isso precisam ser direcionados para que sigam na mesma direcção e este é o papel do professor.

De acordo com Aquino (1999), a indisciplina está relacionada à natureza dinâmica e culturalmente variável da criação cultural, que não é fixa ou universal. Ela reflete valores e expectativas que mudam ao longo do tempo e entre diferentes culturas. Diante dessa diversidade, o papel do professor é fundamental para orientar os estudantes, alinhando suas diferenças culturais e valores diversos em uma direção comum, promovendo assim uma convivência disciplinada e harmoniosa.

E Oliveira (2005, p. 28) entende-a pela concepção do senso comum, como sendo a manutenção da ordem e obediência às normas; indisciplina significa a sua negação. O não cumprimento das regras pré-estabelecidas é entendido como acto indisciplinar e o autor deverá sofrer as consequências do seus actos. Todas as normas e regras deverão ser pré-estabelecidas em comum acordo. As partes interessadas precisam

compreender o porquê dessa ordem e acima de tudo aceitar a imposição para que o resultado seja satisfatório para todos os envolvidos, caso contrário, poderão ocorrer manifestações de descontentamento e possivelmente será entendido como alto indisciplinar. Ideia que encontra respaldo em Guirado (1996), quando aponta que a indisciplina como uma manifestação do aluno contra a estrutura disciplinar no espaço escolar.

Nos últimos anos, diversos estudos têm procurado redefinir o conceito de indisciplina escolar à luz das transformações sociais e educacionais contemporâneas.

Segundo Estrela (2018, p. 47), a indisciplina deve ser entendida não apenas como a quebra de normas, mas como “um sintoma das tensões sociais, familiares e institucionais que atravessam a escola e se refletem no comportamento dos alunos”. Assim, a indisciplina não é apenas um problema individual, mas também colectivo e relacional, exigindo da escola uma postura de mediação.

De acordo com Vasconcellos (2020, p. 63), a indisciplina pode ser compreendida como um “desafio pedagógico que obriga os educadores a repensar metodologias, relações e formas de organização escolar”. O autor acrescenta que a gestão democrática da sala de aula, com regras claras e construídas em conjunto com os alunos, diminui significativamente os comportamentos de resistência e oposição.

Para Perrenoud (2019, p. 112), a indisciplina manifesta-se como resultado da falta de sentido que muitos alunos encontram nas actividades escolares. Quando o estudante não percebe relevância no que aprende, tende a buscar outras formas de afirmação, muitas vezes entrando em conflito com a autoridade do professor. Daí a necessidade de práticas pedagógicas mais activas, centradas no aluno e conectadas ao seu quotidiano.

Na mesma linha, Garcia e Moreira (2021, p. 88) defendem que a indisciplina deve ser analisada sob a perspectiva da inclusão. Muitas atitudes classificadas como indisciplina podem, na realidade, ser respostas a dificuldades de aprendizagem,

desigualdades sociais ou falta de apoio familiar. Assim, a escola precisa promover estratégias de acompanhamento individualizado para reduzir tais ocorrências.

Por fim, Libâneo (2022, p. 54) reforça que a indisciplina não deve ser interpretada exclusivamente como um obstáculo, mas também como uma oportunidade de diálogo pedagógico. Ao confrontar regras e limites, o aluno demonstra a sua necessidade de participação e voz no espaço escolar. O professor, portanto, deve transformar esses momentos em situações de aprendizagem, fortalecendo a autonomia e a responsabilidade dos educandos.

1.1.3 A indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos

1.1.3.1 - Causas da Indisciplina

Nos encontros de professores, durante as reuniões pedagógicas, é comum comentários entre eles em relação à indisciplina. Em geral concordam que ela atrapalha o ensino-aprendizagem e também interfere no desempenho dos professores durante suas aulas. Sendo assim, é necessário um estudo que aponte as causas da indisciplina. Identificar a causa de um problema é o primeiro passo em busca de uma possível solução.

Um dos factores a considerar é a transformação social, de valores éticos, moral e cultural que a sociedade vive hoje.

Aquino (1999, p.25) afirma que “embora o século XX tenha dado saltos impressionantes na área do conhecimento, tem-se a impressão de que o saber perdeu muito de seu prestígio”. O conhecimento perdeu espaço para a informação rápida adquirida por meios de comunicação de fácil acesso. A interferência directa dos meios de comunicação de massa no país contribui muito para essa mudança e atinge directamente o dia-a-dia da família e consequentemente da escola.

A sociedade impõe seus valores, usando meios de comunicação, que passam a ser respeitados por jovens e crianças, onde o consumismo, a violência, as droga leves e pesadas, a falta de limites imperam entre eles, gerando novas condutas na geração actual.

É possível observar a mudança de valores, assistindo aos programas de televisão mais comentados pela comunidade, entre eles, novelas, noticiários, onde a vitória é sempre do desonesto, o bandido se tornou o mocinho dos filmes, as maiores audiências estão voltadas para traição entre amigos e familiares, a corrupção se tornou tão corriqueira que não causa mais constrangimento. Na prática, são verdadeiras aulas de mau comportamento, servindo assim, de modelo para crianças e jovens, onde estes passam a reproduzir o que aprendem com a “escola da vida”, tornando incentivo para eles, um convite à indisciplina e acabam levando esse aprendizado também às salas de aula.

Porém a escola não está preparada para atender esses alunos, os professores sentem dificuldades em atender esse público que vem carregado de informações, problemas familiares e sentimentos variados. Pelo que Aquino (1999) coloca a ideia de que muitos professores explicam o declínio de sua autoridade pelo facto de os alunos terem acesso aos saberes em fontes externas à escola. Ele concorda, e diz que, se a escola se limitar a passar informações como se fosse uma enciclopédia, a internet será um concorrente do professor e muito mais interessante que ele; mas se ela se preocupar em dar sentido a essas informações, a instituição escola nunca será substituída.

Um dos factores a ser considerado de grande relevância para o aprendizado é que, para os alunos de hoje, os bancos escolares não despertam interesse. Hoje em dia há, fora da escola, várias fontes de informações, consideradas mais atraentes, o que dificulta ainda mais o trabalho do professor que, durante a sua formação, não recebeu instruções de como lidar com a questão de falta de educação, com o desrespeito, com a violência que ocorrem nas salas de aula. Nas Universidades, em que se prepara para o exercício dessa profissão, o enfoque é para o plano de aula e para os conteúdos a serem trabalhados durante o ano lectivo.

Os docentes, durante o curso de formação, deveriam adquirir conhecimentos das principais tendências teóricas sobre educação, que em tese, fundamentariam a prática pedagógica e a postura do profissional diante do comportamento disciplinar de seus pares e demais envolvidos no processo pedagógico. (Abou, 2004, p.82).

A actuação docente inadequada em sala é outra causa da indisciplina. Aulas atractivas se fazem necessárias nos dias de hoje. Afinal, a internet, os celulares (telefones) modernos estão ao alcance de todos e isso sim é um atractivo para o aluno. O professor bem preparado, que domina seu conteúdo, tem muito mais chance de lançar mão de estratégias eficientes para ensiná-los. Caso contrário, a aula se tornará um sacrifício e o aluno buscará algo mais interessante para fazer, o que poderá levar à indisciplina.

A estrutura escolar e o sistema que rege o trabalho do professor são partes fundamentais no processo ensino-aprendizagem. O professor, além de estar bem preparado com seu conteúdo e um óptimo plano de aula, precisa ter suporte didático para desenvolver com eficiência o seu trabalho. O apoio pedagógico, materiais didáticos e estrutura escolar adequada são condições mínimas que se esperam de uma instituição escolar, ou seja, as condições de trabalho oferecidas aos professores deverão proporcionar a eles uma facilidade para que consigam envolver o aluno de maneira que ele goste de estar no ambiente escolar e assim construir o seu conhecimento com prazer.

Autores como Charlot (2000, p. 53) destacam que a indisciplina é muitas vezes reflexo de uma “crise de sentido da escola”, onde os alunos não compreendem a finalidade do estudo e, consequentemente, não encontram motivação para respeitar as normas escolares. Essa perda de significado favorece o afastamento do estudante e gera comportamentos de oposição ou desinteresse.

Na mesma linha, Vasconcellos (2004, p. 87) observa que a indisciplina não deve ser vista apenas como um problema individual do aluno, mas como um fenómeno social e institucional, que envolve as relações entre escola, família e comunidade. Assim, a indisciplina resulta não apenas de falhas pessoais dos estudantes, mas também de condições precárias da escola, ausência de diálogo e metodologias pouco significativas.

Estrela (1992, p. 41) acrescenta que a indisciplina se agrava quando a escola se mostra incapaz de conciliar a sua função normativa com uma pedagogia democrática.

Ou seja, quando os alunos sentem que as regras são impostas de forma autoritária e sem espaço de participação, tendem a resistir, recorrendo a comportamentos disruptivos.

Já Paro (2007, p. 112) enfatiza que a indisciplina escolar é também uma forma de protesto silencioso contra a falta de condições materiais e pedagógicas que favoreçam a aprendizagem. Em muitos contextos, os alunos percebem a escola como uma instituição que não valoriza a sua realidade, o que os leva a criar resistências através de atitudes de desobediência e conflito.

Por outro lado, Libâneo (2012, p. 157) sublinha que a indisciplina pode estar relacionada à ausência de práticas pedagógicas inovadoras. O professor que se limita a uma transmissão expositiva, sem considerar a participação activa dos alunos, deixa de oferecer um espaço motivador de aprendizagem, favorecendo o desinteresse e, por consequência, a indisciplina.

1.1.3.2. Acções que podem minimizar a indisciplina na educação escolar

A indisciplina repercute-se em várias discussões, de como minimizar ou até mesmo solucionar tal problema, uma vez que esta causa vários transtornos, tanto na escola como na sociedade. Desta forma, a indisciplina se torna um grande desafio aos educadores pois, perturba e impossibilita o desenvolvimento educacional de alguns alunos.

Na visão de Sá (2015), a escola deve ter um Projecto Político Pedagógico que contemple as questões da indisciplina, pois através do acionamento deste, do processo educativo fluirão boas respostas a respeito de problemas apresentados dentro do âmbito educacional. Para tanto, a escola deverá convocar as famílias, os alunos, os professores, ou seja, toda comunidade escolar para a elaboração do PPP. O PPP da escola deverá estar dispunivel a todos para consulta.

Além dele, o currículo escolar deverá contemplar os valores necessários à boa convivência entre professores, alunos, direcção, coordenação, família, pessoal de apoio, enfim, ao bom convívio e harmonia entre todos os envolvidos na promoção da educação e inserção do indivíduo na sociedade.

Desta forma, para se amenizar a indisciplina na escola, a equipe pedagógica através do Projecto Político Pedagógico, deve dar assistência os estudantes, procurando os problemas. Porém, na visão do autor acima descrito, a escola deve criar possibilidades de debates com os atores da educação, ela deve conceber regras juntamente com os envolvidos, pois desta forma facilita o seu cumprimento.

Segundo Rodrigues (2012) gerir a indisciplina, também não é uma missão fácil, pois ela atinge instituições públicas e privadas, além de interferir na prática de diferentes agentes educacionais. É importante destacar que a metodologia utilizada pelo professor deve encontrar-se com a realidade de cada aluno, pois, a maneira como o professor ensina é importante para não gerar a indisciplina.

A gestão da indisciplina é um desafio complexo que afeta tanto instituições públicas quanto privadas, influenciando o trabalho de diversos profissionais da educação. Para enfrentá-la de forma eficaz, a abordagem pedagógica do professor deve estar alinhada à realidade dos alunos, pois a metodologia utilizada é fundamental para evitar comportamentos indisciplinados. Assim, uma prática docente contextualizada e adaptada às necessidades dos estudantes é essencial para promover um ambiente escolar mais harmonioso.

Já Gonçalves (2007), diz que outro factor que pode minimizar o problema é dar limites às crianças na Educação Infantil, isto é, iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro, ensinar que ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites, e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja na vida. Desta forma, o professor nas aulas da Educação Infantil constrói conhecimentos, firma habilidades, estrutura significações, desperta potencialidades, assim também estabelecendo limites.

A escola também pode promover projectos, os quais venham mobilizar todo âmbito educacional afim de uma interacção entre todos, onde haja harmonia e participação autónoma, no empenho e colecta de materiais, que venham ajudar na

construção do tema, ou seja, da proposta lançada. A outra proposta para minimizar a indisciplina na escola será propor as crianças gincanas, campeonatos, onde estes possam sentir e incentivados a estarem em interacção com a escola e com os estudos (SÁ, 2015).

Ainda neste sentido, o âmbito escolar deve ser um lugar, ao qual, favoreça as crianças o prazer em estudar. Se a escola não for um lugar em que os alunos se sintam bem, com certeza não irão gostar de frequentá-la. Sendo assim, é fundamental que a escola acolha as crianças de maneira adequada para que estas não venham preferir ficar na rua, aleatórios aos estudos, a instituição de ensino deve ser um lugar agradável receptivo onde as crianças encontrem apoio para seu desenvolvimento intelectual e social, buscando assim cada vez mais mostrar a importância que a educação tem na vida de todos, levando-os a reflectir sobre como é importante o papel de todos para a construção de uma sociedade com oportunidades iguais, através da educação de qualidade e bem desenvolvida.

1.1.3.3 Participação da família na escola

A participação da família no processo ensino-aprendizagem é primordial. São os pais que ensinam, aos filhos, os primeiros passos, as primeiras palavras, estimulam a convivência em sociedade e a partir daí passam a contar com a escola para completar o seu aprendizado.

É impossível colocar à parte a escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do quotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos. (Sousa, 2008, p. 1)

Escola e família juntas são responsáveis pelo futuro do aluno, por isso ambos precisam participar integralmente da vida escolar do educando. Ë necessário que a

família conheça as dificuldades dos seus filhos na escola, assim como é importante que os profissionais da escola também conheçam as dificuldades vivenciadas pelo aluno em casa.

De acordo com Tiba (1996, p.166) “A educação cabe aos pais e à escola”. Mas são os pais que deverão orientar os filhos a buscar na escola o conhecimento que o tornará um cidadão crítico e capaz.

Tiba (1996, p.166) afirma ainda, que a “ educação activa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente”. A escola precisa do apoio dos pais para realizar um bom trabalho, de nada adianta a escola impor suas regras e normas sem a concordância de pais e alunos. Para que haja esse apoio, a família precisa estar presente na vida escolar do seu filho.

Entretanto, “em termos educacionais a importância da família não está restrita apenas à garantia para a criança de um ambiente doméstico seguro. Os pais também precisam demonstrar um interesse real pelas actividades escolares, do filho, uma vez que está positivamente associado ao progresso escolar da criança”. (Lunt e Sheppard Apud Fontana, 2002, p.40)

O interesse dos pais, para com as actividades escolares do seu filho, é uma motivação para que o aluno faça suas tarefas escolares com mais empenho e dedicação. Diante dessa postura a criança se sente cuidada, protegida e procura se tornar mais responsável. A participação em reuniões de pais, eventos promovidos pela escola, conhecer e entender o porquê foram elaboradas as normas que regem a escola, são exemplos práticos de actuação que os pais precisam exercer assiduamente em benefício do bom desenvolvimento escolar dos seus filhos.

Nos dias de hoje, é muito comum os pais deixarem para a escola a incumbência de educar os próprios filhos. “Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola”. (Tiba,1996, p. 168)

Muitas famílias entregam para a escola a responsabilidade que é dos pais, de dar educação aos seus filhos. Os pais, por estarem ausentes, por causa do seu trabalho, tentam recompensar sua ausência com presentes e realizando vontades dos filhos, muitas vezes desnecessárias.

Pelo que deixar de participar da vida escolar de um filho é um erro gravíssimo cometido por pais que não têm comprometimento com a sua formação educacional. Família e escola precisam formar juntas, através da educação, uma parceria para superar as dificuldades, construindo o pleno desenvolvimento do educando.

A participação da família no processo ensino-aprendizagem é primordial. São os pais que ensinam, aos filhos, os primeiros passos, as primeiras palavras, estimulam a convivência em sociedade e a partir daí passam a contar com a escola para completar o seu aprendizado.

É impossível colocar à parte a escola, família e sociedade, pois, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão, ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, porque o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que considera significativas, dos meios de comunicação e do quotidiano. Sendo assim, é preciso que professores, família e comunidade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos. (Sousa, 2008, p. 1)

Esta articulação reflete a ideia de corresponsabilidade educativa, que fortalece os vínculos sociais e a integração entre contextos de aprendizagem formais e informais.

Escola e família juntas são responsáveis pelo futuro do aluno, por isso ambos precisam participar integralmente da vida escolar do educando. É necessário que a família conheça as dificuldades dos seus filhos na escola, assim como é importante que os profissionais da escola também compreendam os desafios vivenciados pelo aluno em casa.

De acordo com Tiba (1996, p. 166), “a educação cabe aos pais e à escola”. Mas são os pais que deverão orientar os filhos a buscar na escola o conhecimento que os

tornará cidadãos críticos e capazes. O autor acrescenta ainda que “a educação activa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai, pela mãe e pelo próprio adolescente” (Tiba, 1996, p. 166).

Este posicionamento realça que o sucesso escolar exige um compromisso conjunto.

Entretanto, “em termos educacionais a importância da família não está restrita apenas à garantia para a criança de um ambiente doméstico seguro. Os pais também precisam demonstrar um interesse real pelas actividades escolares do filho, uma vez que está positivamente associado ao progresso escolar da criança” (Lunt & Sheppard, citados por Fontana, 2002, p. 40).

A ausência desse interesse compromete a motivação e a disciplina, enquanto o envolvimento familiar promove melhores resultados académicos.

Neste sentido, Epstein (2011, p. 45) demonstra que os alunos cujos pais acompanham de perto as actividades escolares apresentam melhor rendimento, maior autoestima e reduzidas taxas de abandono escolar.

A teoria das parcerias escola-família-comunidade**,** proposta pela autora, mostra que a educação torna-se mais eficaz quando os vários contextos da vida da criança actuam de forma articulada, formando uma rede de apoio.

O interesse dos pais para com as actividades escolares do seu filho é uma motivação para que o aluno faça as suas tarefas escolares com mais empenho e dedicação. Diante dessa postura, a criança sente-se cuidada, protegida e procura ser mais responsável. A participação em reuniões de pais, eventos promovidos pela escola, conhecer e entender as normas da instituição e o seu papel no desenvolvimento do aluno são exemplos práticos de actuação parental.

Hill e Tyson (2009, p. 754) confirmam que a participação parental não apenas melhora o desempenho, mas também fortalece a autopercepção de competência do estudante.

Nos dias de hoje, é muito comum os pais deixarem para a escola a incumbência de educar os próprios filhos. “Há pais que, por pagar uma escola, acham que esta é responsável pela educação dos seus filhos. Quando a escola reclama de maus

comportamentos ou das indisciplinas do aluno, os pais jogam a responsabilidade sobre a própria escola" (Tiba, 1996, p. 168).

Esta transferência indevida de responsabilidade fragiliza o processo educativo e rompe a parceria essencial entre as duas instituições.

Muitas famílias entregam para a escola a responsabilidade que é dos pais, de dar educação aos seus filhos. Os pais, por estarem ausentes, devido ao trabalho ou outras obrigações, tentam compensar a sua ausência com presentes ou permissividade excessiva.

Contudo, como afirmam Deslandes e Oliveira (2016, p. 63), o envolvimento efectivo da família não se substitui por recursos materiais, mas por tempo, atenção e acompanhamento da vida escolar. Assim, deixar de participar da educação formal e quotidiana de um filho constitui um erro grave que compromete o seu desenvolvimento integral.

Portanto, família e escola precisam atuar em conjunto, numa perspectiva de corresponsabilidade, para superar dificuldades e construir um percurso educativo sólido, que vise ao pleno desenvolvimento do educando, tanto no campo cognitivo como no social e emocional.

1.1.3.4 - Estrutura Familiar Modificada

Nas últimas três décadas, a tradicional família brasileira sofreu grandes transformações. Actualmente a divisão de papéis entre homens e mulheres mudou. Anteriormente, o pai trabalhava fora e trazia sozinho o sustento para casa proporcionando segurança à família, enquanto as mães ficavam em casa realizando trabalhos domésticos e eram responsáveis por cuidar da educação dos filhos. Hoje a mulher tem diversas atribuições.

Ela ocupa um espaço maior no mercado de trabalho. As moças disputam com os rapazes de igual para igual o direito de estudar na mesma faculdade sem distinção de sexo. As mulheres também saem de casa para trabalhar deixando seus filhos aos cuidados de outros, mas nem assim deixam de ser responsáveis pelo lar. Ao voltar do

trabalho, elas encontram em seu lar todos os afazeres a sua espera e sentem-se culpadas pela casa desorganizada, pela refeição que não foi servida adequadamente à sua família tal facto descreve Içami Tiba (1996, p73) ao justificar e que a culpa nasce porque ela não cumpriu o que aprendeu sobre como deve ser uma boa dona-de-casa: não se ausentar dela nem ficar longe dos filhos". Ela não se deu conta que saiu por motivos de grande valor: trabalhar e ajudar nas despesas da casa, muitas vezes essas mulheres são as únicas responsáveis pelo sustento da família.

A sociedade moderna trouxe consigo uma nova estrutura familiar. Há muitas famílias que não são mais compostas por pai, mãe e filhos morando juntos na mesma casa. Nos dias de hoje, é muito comum encontrar pai de um lado e mãe de outro e o filho no meio de um bombardeio de brigas.

Ora ele acredita nas razões do pai, ora aceita os apelos da mãe tornando a vida do adolescente uma verdadeira confusão de valores. E assim esse adolescente chega à escola carregado de problemas, sem limites, precisando descarregar essa energia ruim e encontra outros tantos colegas, também com problemas e um professor que insiste em querer silêncio para expor sua aula e despejar o conteúdo no aluno que está com a cabeça transbordando de pensamentos e informações desencontradas.

A sala de aula se torna palco de uma "guerra de nervos". O professor não consegue atingir o objectivo de ensinar o que preparou para aquela aula e tampouco o aluno pode adquirir conhecimento. O comportamento da criança é reflexo do que ele esta sentindo ou vivenciando em casa com seus pais e familiares. O comportamento das crianças no ambiente escolar e em casa é, na verdade, uma reacção às atitudes de seus pais. Foi constatado que a maioria dos problemas de comportamento, como ausência de atenção e agressividade, é reflexo da conduta dos pais.

Uma criança, por exemplo, que não consegue, em sala de aula, ficar parada em momento nenhum, mostrar-se sempre nervosa, brigona, agressiva com os colegas, sempre mal arrumada, cadernos rasgados, pode ser que uma das causas para tudo isso seja uma relação conflituosa com a família ou a relação, também conflituosa, entre

os pais, os quais brigam o tempo todo na frente dos filhos e acabam descontando na criança, com desprezo ou indiferença, com agressões físicas ou verbais. Este fenómeno, tão comum, leva a criança a pedir ajuda, demonstrando isso de várias maneiras, inclusive chamando a atenção para si, no ambiente escolar. (Weil, 1984, p. 47)

Se a criança tem problemas em casa, isso será reflectido directamente no seu comportamento escolar e consequentemente no seu aprendizado. A criança vai demonstrar na escola os sentimentos de insegurança agressividade, desconforto, tristeza. Enfim fará tudo o que for possível e de diferentes maneiras para chamar atenção do professor e colegas, é uma maneira de pedir ajuda para terminar com o desconforto que a incomoda. Atitude como essa provoca problemas de indisciplina na sala de aula, onde o professor precisará intervir para que não comprometa o aprendizado da turma toda. Nesse momento, o professor deixa o seu papel de educador e assume uma responsabilidade que, por certo é dos pais, de ensinar a esses alunos regras básicas de convivência social e respeito ao próximo para que consiga restabelecer a ordem e seguir com a aula.

Diante desse caos promovido por alunos indisciplinados e professores cansados e stressados, por não conseguirem cumprir o seu papel de educador, não haverá aprendizagem satisfatória, nem mesmo profissionais realizados, não ocorrerá momentos para serem lembrados com saudades por nenhum dos membros envolvidos. Apesar de a modernidade ter trazido tantas mudanças, inclusive na família e na escola, os papéis não podem ser invertidos. A realidade não isenta os pais de desempenhar o seu papel de primeiro educador e a partir daí contar com o auxílio do professor para o desenvolvimento de um cidadão crítico, essa é uma parceria que se deve estabelecer para alcançar o objectivo de proporcionar ao educando uma educação de qualidade.

1.1.3.5. Influência dos meios de comunicação na educação

Um dos grandes problemas encontrados na sociedade moderna está relacionado aos meios de comunicação que vêm substituindo o diálogo entre familiares. Na maioria

dos casos o pouco tempo que sobra de convívio familiar é ocupado com a televisão, internet e outros atractivos que os pais costumam usar para envolver seus filhos.

Içami Tiba (1996, p79) acredita que “a educação escapou ao controle da família porque, desde pequena, a criança já recebe influências da escola, dos amigos, da televisão e da Internet”.

Dessas influências recebidas pelas crianças desde cedo a televisão passou a ser de grande relevância no sistema educacional, em muitas casas de família ela é a maior companheira da criança por longos períodos. É também uma péssima influência, se considerar que a televisão mostra hoje valores totalmente contrários a que se deve seguir, onde o consumismo, a violência a traição estão estampados em programas, propagandas e noticiários todos os dias como sendo cada vez mais banal.

De acordo com Içami Tiba (1996, p.78) “antes da era da televisão e da emancipação da mulher, o sistema educacional estava basicamente centrado na família: aprendia-se por meio da convivência com pais e irmãos”. Hoje pais, mães e irmãos não têm tempo para conversar, estão sempre ocupados com seus afazeres, incluindo aí televisão e internet.

A falta de diálogo entre os familiares acarreta um problema ainda maior que vai reflectir na escola.

Içami Tiba (1996, p.80) afirma que “o atendimento diário da criança custa muito pouco. O não atendimento acumulado causa uma falência na estrutura da personalidade que, futuramente, pode custar muito caro”. Os pais não podem esquecer que o filho precisa de atenção.

Para o adolescente ou para a criança é importante que os pais se mostrem interessados por eles, elogiando suas atitudes corretas e corrigindo seus erros.

Içami Tiba (1996, p.80) diz que os filhos sentem-se amados pelo interesse que os pais demonstram mesmo não estando com eles o dia inteiro. E seguros quando os pais tomam atitudes repreensivas ou aprovativas, porque nelas encontram referências.

Enquanto David Fontana (2002, p.40) destaca que por meio de seu interesse na educação do filho, os pais mostram à criança a importância que dão a um bom progresso escolar.

Ajudar com as tarefas de casa, sentar-se ao lado durante seus estudos são atitudes importantes dos pais atenciosos para com a educação do seu filho.

Além das reflexões de Içami Tiba, é importante considerar que a influência dos meios de comunicação na educação ganhou novas proporções com a emergência das redes sociais digitais.

Livingstone (2009, p. 23)) sublinha que a internet e as redes sociais alteraram profundamente as formas de socialização, permitindo às crianças e adolescentes um contacto mais amplo com o mundo, mas também expondo-os a riscos como a desinformação, o cyberbullying e a dependência tecnológica. Isto mostra que os media, quando não mediados pela família ou pela escola, podem agravar problemas emocionais e sociais.

Por outro lado, Buckingham (2007, p. 15) defende que os meios de comunicação não devem ser vistos apenas como ameaça, mas também como oportunidades de aprendizagem. Segundo o autor, “os media podem desempenhar um papel central na educação para a cidadania, desde que a sua utilização seja acompanhada de orientação crítica”. Esta perspectiva amplia o entendimento de que a educação mediática é fundamental, não se limitando a proteger as crianças, mas também a capacitá-las para analisar criticamente a informação.

Estudos mais recentes confirmam a centralidade dos media na vida escolar e familiar. Valkenburg e Piotrowski (2017, p. 102) destacam que os meios digitais influenciam directamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, podendo tanto estimular a aprendizagem como criar distrações prejudiciais. Assim, a responsabilidade da família e da escola passa por orientar e regular o tempo e os conteúdos consumidos, de modo a transformar o potencial dos meios em recurso educativo, e não em obstáculo.

1.1.3.6. Relação professor e aluno

A actuação do professor deveria ser de transmitir conhecimento, ensinar conteúdos, preparar os alunos para a vida em sociedade propiciando-lhes mecanismos que os levam a pensar, agir criticamente, de forma inteligente e assim escolher o melhor caminho rumo a um futuro promissor. É para essa função que o professor é preparado nas universidades, mas a realidade que se tem hoje nas escolas é outra.

A função real do professor ficou em segundo plano, dando espaço para que entre em acção outras funções atribuídas (erroneamente) ao professor, que é de psicólogo, amigo e até mesmo, agir como pais em determinados momentos, dando aos alunos carinho e atenção que lhes faltam em casa.

(Aquino, 1999, p.41) A autoridade que tem origem no amor e não no temor, sentidos pelo sujeito que respeita o outro, tem mais chance de se tornar uma relação de admiração.

A autoridade fundada em relações de respeito mútuo e no prestígio obtido a partir da competência não necessita ser autoritária. Esse professor consegue estabelecer relações baseadas no diálogo, na confiança e nutrir uma afectividade que permite que os conflitos quotidianos da escola sejam solucionados de maneira democrática. (Aquino, 1999, p. 42)

Segundo o mesmo autor, os professores que tentam impor sua autoridade de maneira autoritária cobrando obediência de seus alunos, exigindo sua vontade e seus valores, o máximo que conseguem é se tornar alvo de violências e das mais variadas formas de agressões, gerando indisciplina até antipatia. A relação professor-aluno deve ser construída a cada dia, assim como o conhecimento.

Segundo Raimundo A. G (2004, p.82) A relação professor-aluno é horizontal e não deve ser imposta, já que ambos fazem parte do processo de aprendizagem. Após estabelecer sua autoridade e ocupar o seu espaço sempre respeitando o do aluno, o professor precisará desenvolver métodos e técnicas de ensino que qualifiquem o aluno de maneira que ele consiga estabelecer relação com o seu quotidiano.

De acordo Aquino (1999, p.43) a escola deve se tornar mais interessante para os alunos e alunas que a frequentam e os conteúdos precisam estar mais contextualizados em seu quotidiano e nas suas necessidades.

Quando os conteúdos interessantes aos alunos, o aprendizado será satisfatório.

Aquino (1999, p 44) afirma que os grandes problemas enfrentados pela escola nos dias de hoje é a adequação dos conteúdos trabalhados nas diversas disciplinas da grade curricular.

De maneira geral os alunos não conseguem fazer relação dos conteúdos estudados com a realidade do quotidiano. Esse fato além de provocar falta de interesse, compromete o respeito dos estudantes para com os seus professores gerando indisciplina e baixo rendimento escolar.

O professor precisa se preparar para atender essa nova clientela, que requer dele, maior empenho em preparar suas aulas. Se ele domina o seu conteúdo consegue diversificar seus métodos e atingir um maior número de alunos.

Com isso conseguirá trazer para a sala de aula recursos que auxiliam na sua actuação favorecendo a construção do conhecimento actualmente os alunos têm muito mais informação do que nos anos passados, mas isso não quer dizer que são mais conhecedores, visto que informação não quer dizer conhecimento. É comum encontrar fora da sala de aula recursos atraentes, entre eles internet, televisão, rádio, que os levam a buscar qualquer informação que seja solicitada. (Mendes, 2008, p.4)

Desta feita, cabe ao professor direccionar as informações trazidas pelo aluno e transformá-las em conhecimentos adquiridos.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Todo e qualquer trabalho científico, vale-se de métodos, técnicas e procedimentos para o alcance dos objectivos traçados, entretanto, este projecto não foge da mesma realidade. Todavia, para a concretização desta pesquisa utilizaremos um conjunto de métodos de nível teórico e empírico para o alcance dos resultados pretendidos, tal como métodos hipotético-dedutivo e Bibliográfico.

2.1 - Tipo de pesquisa

Para Marconi e Lakatos,(2003, p. 155) a pesquisa é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico constituindo caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.

Para que o nosso projecto de pesquisa alcance esse desiderato, decidimos optar pelo paradigma de investigação descritivo, porque o investigador não coloca o problema de validade e da finalidade dos instrumentos. Sem interpretar dados matemáticos, como gráficos e Tabelas.

2.2 - Metodologia Aplicada

Segundo Nascimento (2002), a pesquisa pode ser definida como sendo uma ferramenta para adquirir conhecimentos com o objectivo de resolver problemas específicos, gerar teorias ou avaliar teorias existentes.

Um dos métodos utilizados para o presente trabalho é descritivo, porque nos impõe decrever todos os dados colhidos, seja das fontes primárias como das fontes segundárias. Por outra, tendo em conta a natureza do trabalho, nos propusemos em utilizar a pesquisa “Monográfica”, por se tratar também de uma pesquisa de campo.

2.3 Abordagem da Pesquisa

O trabalho de pesquisa foi realizado com base em pesquisa qualitativa e quantitativa com base em critérios bibliográficos, análise de documentos e textos, objectiva-se neste caso concreto de estudo e que visa a caracterização de uma variável num contexto específico. O que nos ajuda a conhecer os factos e fenómenos relacionados com o tema, recuperar as informações disponíveis enunciar o trabalho de outros autores.

2.4- Técnicas de Amostragem e de Colecta de Dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas, inquérito e observações do quotidiano escolar, verificando-se as rotinas nos sectores e as interações dos sujeitos. Com relação ao indicador de desempenho, a pesquisa considerou ser um paradigma de avaliação importante para detectar o desempenho da escola em termos de qualidade da educação ofertada.

Gil (2002, p.121) define que “amostra é uma parte dos elementos que compõem o universo.” Lakatos e Marconi (2003 p. 163) definem amostra como sendo “uma parcela convenientemente selecionada do universo (população), é um subconjunto do universo”. Assim a amostra é uma forma mais rápida de analisar.

2.7.1- Técnicas

O desenvolvimento da pesquisa documental assemelha-se a pesquisa bibliográfica. No entanto, esses tipos de pesquisa elaborados a partir de documentos e artigos exigem procedimentos específicos de análise e interpretação dos conteúdos.

Inquérito por questionário: foi aplicado de forma de questionário com perguntas abertas, semiabertas e fechadas, com objectivo de recolhermos informações sobre o problema a que nos propusemos investigar através da amostra populacional, como, os professores, alunos e pais e encarregados da escola.

Observação directa do quotidiano escolar, em função desta técnica efectua-se a observação do ambiente físico, bem como dos critérios que os gestores têm utilizado na secção dos alunos para os cursos que escola oferece, sem se esquecer da satisfação ou insatisfação e nível de aproveitamento dos alunos em função dos cursos que os mesmo foram matriculados.

Algumas visitas efectuadas na escola, encontrou-se em algumas salas de aulas assistindo os professores em relação ao cumprimento de algumas normas pedagógicas sobretudo a questão do uso do plano de aula, mas pedimos á direcção para que nós pudéssemos ajudar quanto a isso, para dirimir algumas debilidades no preenchimento do plano de aula, na aplicação dos métodos de ensino e postura do professor na sala de aulas.

Entrevista: é por intermédio desta técnica que recolhemos informações complementares que reforçam os dados recolhidos pelos inqueridos e a observação, foi aplicado sobre a forma estruturada, e para isso elaboramos um guião de entrevista. Mas, esta técnica foi utilizada somente aos Gestores. É de realçar que, nas abordagens dos dados dos gestores, usou-se a entrevista como *frequência*, que significa "Frequência" para se referir um dos entrevistados.

Técnico-estatístico: Este grande método foi usado para o tratamento estatístico dos dados recolhidos. Foram utilizados cálculos percentuais e sua representação em tabelas.

2.7.2– Instrumentos

Os instrumentos por nós construídos e utilizados foram:

1. Guião de observação;
2. Questionário;
3. Guião de entrevista.

Antes do preenchimento dos questionários foram dadas instruções estandardizadas acerca da forma de preenchimento dos instrumentos, o carácter voluntário de participação, o anonimato, a confidencialidade das informações recolhidas, bem como informações acerca dos objectivos, do enquadramento e do produto final do trabalho.

2.4.1 – População e Amostra

A população é constituída por 99 indivíduos, sendo 15 professores, 39 Pais e Encarregados de Educação e 45 alunos (da 9ª classe), dos quais extraiu-se a amostra.

Do universo de 99 indivíduos extraiu-se a amostra de 56 indivíduos, sendo 10 Professores, 20 Pais e Encarregados de Educação e 26 alunos da 9ª classe.

CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1. 1 – Caracterização da Escola do lº Ciclo do Ensino Secundário nº 5002

A Escola número 5002 localiza-se no Município de Viana Sede, Província de Luanda (Angola). Das suas estruturas constam 11 salas de aulas, 3 gabinetes dos Directores Geral, Pedagógico e Administrativo. Uma secretaria, cantina, guarita, tanque de água, uma área verde, 6 quartos de banho, 1 sala de reuniões, uma sala dos professores e um campo multiuso.

4.1.1 - Corpo Directivo

A Direcção da instituição em estudo constitui-se pela Directora, Subdirectora Administrativa e Subdirector pedagógico, elementos máximo, que orientam e supervisionam todas as actividades do processo docente educativo.

Quanto a qualificação profissional, a Directora da escola nº 5002 é Licenciado em Psicologia pelo ISCED de Luanda, com uma experiencia profissional de mais de 20 anos. O Subdirector pedagógico é Licenciado em Relações Internacionais pela Universidade de Técnica de Angola (UTANGA). A Subdirectora Administrativa é Licenciado no curso de Gestão dos Recursos Humanos, com experiencia de mais de 13 anos de serviço.

4.2 - Apresentação de dados recolhidos, análise e discussão dos resultados

Antes do preenchimento dos questionários foram dadas instruções estandardizadas acerca da forma de preenchimento dos instrumentos, o carácter voluntário de participação, o anonimato, a confidencialidade das informações recolhidas, bem como informações acerca dos objectivos, do enquadramento e do produto final do trabalho.

4.3- População e Amostra

Para os devidos efeitos trabalhamos com os professores, pais e encarregados de educação e os alunos da 9ª classe cujo resultado são descritos no quadro abaixo.

Descrição	População	Amostra	Percentagem
Professores	15	10	17,857%
Pais e Enc. de Educação	39	20	35,714%
Alunos (9ª classe)	45	26	46,428%
Total:	99	56	99,999 (100)%

Em virtude da preocupação que constitui a questão da indisciplina escolar, constrói-se as tabelas subsequentes à luz dos questionários que foram, consequentemente, submetidos ao grupo alvo:

1. **Questionário dirigido aos pais e encarregados de educação**

Tabela Nº I

a) De quê maneira você participa da vida escolar do seu filho?

Opções	Frequência	percentagem
Visita regular a escola	3	15%
No início da escola (aulas)	6	30%
No fim do ano lectivo	7	35¨%
Participa nas reuniões da escola	4	20%
Total	20	100¨%

Dos vinte pais e encarregados de educação inqueridos, três visitam a escola regularmente, correspondendo a quinze por cento. E, seis têm visitado a escola apenas no início do ano lectivo, correspondendo trinta por cento. Já, sete deles o têm feito no fim do ano lectivo o que corresponde a trinta e cinco por cento. Enquanto que quatro pais e encarregados de educação, participam apenas nas reuniões promovidas pela escola, o que corresponde a vinte por cento.

A predominância da presença dos pais apenas em inícios e finais de ano pode também estar relacionada com factores como o horário laboral, a falta de valorização

da comunicação escola-família e a percepção de que o acompanhamento é menos necessário durante o período intermédio. Tal realidade compromete a construção de um ambiente educativo partilhado, capaz de potenciar aprendizagens mais significativas e ajustadas às necessidades da criança.

Como refere Hoover-Dempsey e Sandler (1995, p. 10), quando os pais se envolvem regularmente no processo educativo, os alunos tendem a apresentar maior motivação, melhor rendimento escolar e atitudes mais positivas face à aprendizagem". Deste modo, os resultados da tabela demonstram que, embora haja alguma forma de acompanhamento por parte dos pais e encarregados de educação, este é ainda limitado e pontual.

Tal situação exige estratégias de sensibilização e programas de cooperação que estimulem a participação contínua, contribuindo para uma verdadeira parceria educativa, na qual a família se reconheça como corresponsável no processo formativo dos filhos.

Tabela Nº II

b) Você ajuda seu filho (a) com as tarefas de casa?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sempre	8	40%
Às vezes	6	30%
Nunca	6	30%
Total	20	100¨%

Já na segunda tabela, oito pais e encarregados de educação, ajudam sempre os filhos nas tarefas, o que corresponde a quarenta por cento. Seis pais, ajudam as vezes, o que prefaz trinta por cento. Enquanto que outros seis, nunca o terão feito, o que corresponde a trinta por cento.

O facto de 40% dos pais estarem constantemente envolvidos constitui um aspeto positivo, pois o apoio parental nas tarefas escolares tem sido amplamente associado a

melhores desempenhos académicos e maior motivação para aprender. No entanto, a proporção de famílias que ajudam apenas esporadicamente ou nunca se envolvem (60% no total), levanta preocupações quanto à continuidade e eficácia desse acompanhamento. Estudos demonstram que o envolvimento parental nas tarefas de casa não deve ser entendido apenas como auxílio técnico, mas sobretudo como uma oportunidade de criar rotinas, desenvolver hábitos de estudo e promover a autonomia da criança (Castro et al., 2015, p. 118). Isto reforça a necessidade de um equilíbrio: apoiar sem substituir a responsabilidade do aluno.

A ausência de apoio em 30% dos casos pode ser explicada por diversos factores, como baixa escolaridade dos pais, falta de tempo devido às exigências laborais ou mesmo a perceção de que as tarefas são responsabilidade exclusiva da escola e dos professores. Neste sentido, as escolas precisam de criar mecanismos que sensibilizem e capacitem os pais para apoiar de forma mais adequada e regular.

Como afirmam Silinskas e Kikas (2019, p. 306), o envolvimento parental positivo nas tarefas de casa está associado a melhores resultados académicos, enquanto a ausência de apoio ou o apoio conflituoso tende a ter efeitos negativos no desempenho e na motivação.

Assim, mais do que a quantidade de tempo dedicada, importa a qualidade da interação estabelecida no momento do estudo. Portanto, os dados apresentados pela tabela demonstram a existência de uma divisão clara entre famílias ativamente envolvidas e outras que, por razões diversas, não acompanham as tarefas dos filhos.

Tabela NºIII

c) Você conversa com seu filho(a) sobre o seu aprendizado escolar?

Opções	**Frequência**	**Percentagem**
Todos os dias	5	25%
Uma vez a outra	6	30%
Nunca	5	25%
Participa nas reuniões da escola	4	20%
Total	20	100%

Relativamente a terceira tabela, cinco pais conversam com os filhos sobre seus conteúdos escolares, correspondendo vinte e cinco por cento. Seis, têm feito uma vez à outra, o que corresponde a trinta por cento. Cinco pais e encarregados de educação, nunca tal fizeram correspondendo vinte e cinco por cento. E, quatro deles o que prefaz vinte por cento, responderam que pelo facto de participarem nas reuniões da escola, seja tudo.

Este panorama mostra que o diálogo diário entre pais e filhos sobre o desempenho escolar é reduzido, o que pode comprometer tanto a motivação como a autoconfiança da criança. A comunicação parental contínua tem sido identificada como um dos factores determinantes para o sucesso escolar, não apenas pela monitorização do rendimento, mas também pelo apoio emocional e pelo reforço da importância da aprendizagem. Fan e Chen (2001, p. 13) evidenciam que “o envolvimento parental, sobretudo através da comunicação regular sobre a escola, apresenta uma relação significativa e positiva com o sucesso académico dos alunos”.

A ausência de diálogo em 25% dos casos pode refletir falta de tempo, baixa escolaridade ou mesmo ausência de estratégias comunicacionais entre pais e filhos. Além disso, quando os pais limitam o acompanhamento à participação em reuniões, deixam de promover um vínculo direto e quotidiano com o percurso escolar da criança, transferindo para a escola a totalidade da responsabilidade educativa.

Este distanciamento pode enfraquecer a perceção da criança sobre o valor da educação. Em linha com esta perspetiva, Wilder (2014, p. 392) argumenta que “a qualidade do envolvimento parental, especialmente o diálogo construtivo sobre a escola, é mais preditiva do rendimento académico do que a quantidade de envolvimento formal em atividades escolares

Tabela Nº IV

d) Você considera importante a sua participação na vida escolar do seu filho?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	17	85%
Não	3	15%
Total	20	100%

De acordo a quarta tabela, dezassete pais e encarregados de educação, o que corresponde a oitenta e cinco por cento, consideram importante a sua participação na vida escolar do seu filho. Outros três que compõe quinze por cento, não acham isso importante.

O reconhecimento da importância da participação parental é um indicador positivo, uma vez que estudos internacionais têm demonstrado que a perceção do valor do envolvimento familiar é o primeiro passo para a construção de práticas efetivas de acompanhamento escolar.

Hornby e Lafaele (2011, p. 38) sublinham que quando os pais acreditam que a sua participação faz diferença, estão mais motivados a envolver-se ativamente, criando benefícios diretos no rendimento e na motivação dos filhos. Isto sugere que, embora a maioria já possua consciência da relevância do seu papel, é necessário converter essa perceção em ações concretas e consistentes.

Por outro lado, o facto de 15% dos pais não considerarem importante a sua participação, revela lacunas significativas, possivelmente associadas a factores como baixa escolaridade, crença de que a responsabilidade educativa pertence apenas à escola, ou mesmo falta de informação sobre os benefícios comprovados do envolvimento parental.

Jeynes (2018, p. 440) destaca que a participação dos pais é uma das variáveis externas mais poderosas no desempenho escolar dos estudantes, independentemente do contexto socioeconómico. Assim, a ausência de valorização por parte de alguns pais pode ter impactos negativos diretos no percurso académico das crianças.

2. Questionário dirigido aos professores

Tabela Nº V

a) Você acha que a indisciplina em sala de aula atrapalha o seu desempenho como professor?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	10	100%
Não	00	00%
Total	10	100%

Da conversa mantida com os professores, a maioria esmagadora isso é, dez, o que corresponde a cem por cento, concordam plenamente que a indisciplina em sala de aula atrapalha o seu desempenho como professor.

A literatura confirma esta perceção, mostrando que a indisciplina gera sobrecarga emocional, aumenta os níveis de stress docente e reduz o tempo efetivo de ensino.

Segundo Esteve (2014, p. 112), “os problemas de indisciplina representam um dos factores que mais contribuem para a insatisfação profissional e para o desgaste emocional dos professores”. Este tipo de impacto não afeta apenas o rendimento do docente, mas também compromete o ambiente escolar como um todo, uma vez que a atenção que poderia ser dedicada ao desenvolvimento das competências dos alunos é desviada para o controlo comportamental.

Outro aspeto relevante é que a indisciplina não prejudica apenas o professor, mas também os próprios alunos. Um ambiente de aprendizagem marcado por interrupções constantes, conflitos e falta de respeito, reduz significativamente as oportunidades de concentração e assimilação de conteúdos.

Em conformidade, Longobardi et al. (2019, p. 5) sublinham que a perceção dos professores sobre a indisciplina em sala de aula está diretamente associada a baixos níveis de rendimento académico e a um clima escolar menos positivo. Este achado reforça a importância de compreender a indisciplina não apenas como uma questão de

gestão de sala de aula, mas como um fenómeno que impacta o desempenho de toda a comunidade escolar.

Tabela Nº VI

b) O comportamento dos alunos influência na preparação da aula do professor?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	7	70%
Não	3	30%
Total	10	100%

De acordo a sexta tabela, encontramos os seguintes resultados: Sete professores, o que corresponde a setenta por cento, confirmam que o comportamento dos alunos influencia na preparação da sua aula. Enquanto que três deles, correspondendo trinta por cento, não confiram.

O facto de a maior parte dos professores indicar essa influência revela que o planeamento pedagógico não é um processo isolado, mas depende fortemente do contexto da sala de aula. Em situações em que os alunos apresentam comportamentos indisciplinados ou pouco cooperativos, os docentes tendem a adotar metodologias mais centradas no controlo e na gestão da disciplina, muitas vezes em detrimento de práticas mais criativas e participativas.

Nesse sentido, Korpershoek et al. (2016, p. 34) sublinham que a perceção do comportamento dos alunos condiciona o modo como os professores estruturam a instrução, podendo levar à simplificação das estratégias didáticas para evitar situações de conflito.

Por outro lado, os 30% de professores que não reconhecem essa influência podem ser interpretados como profissionais que mantêm a preparação das aulas dentro de um padrão pré-estabelecido, independentemente do comportamento discente. Tal postura pode ser vista como uma tentativa de manter a coerência pedagógica, mas também pode indicar menor flexibilidade na adaptação às realidades específicas de cada turma. A literatura, no entanto, tem mostrado que a capacidade de ajustar o

planeamento às necessidades comportamentais e motivacionais dos alunos constitui uma competência essencial na docência.

Conforme afirmam Marzano e Marzano (2003, p. 6), a qualidade da relação professor-aluno e a gestão do comportamento são elementos determinantes não apenas para o clima da sala, mas também para a eficácia do ensino e da aprendizagem.

Tabela Nº VII

c) você acredita que a indisciplina do aluno em sala de aula é reflexo do seu comportamento em casa?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	5	50%
Não	5	50%
Total	10	100%

Dos dez professores inquiridos, cinco que compõe cinquenta por cento, acreditam que a indisciplina do aluno em sala de aula, é reflexo do seu comportamento em casa. Outros cinco, correspondendo a cinquenta por cento, não acreditam.

Os professores que associam a indisciplina ao ambiente familiar sustentam a ideia de que os padrões de socialização e as regras transmitidas em casa têm um impacto determinante na forma como as crianças e adolescentes se comportam na escola.

Bronfenbrenner (1979) já defendia no seu modelo ecológico do desenvolvimento humano, que a família constitui o primeiro espaço de socialização e, portanto, influencia profundamente na conduta das crianças em contextos externos.

Pais que estabelecem limites claros, supervisionam e acompanham os filhos tendem a contribuir para uma maior disciplina no espaço escolar, enquanto a ausência de regras, o excesso de permissividade ou até mesmo ambientes familiares conflituosos podem refletir-se em comportamentos disruptivos em sala de aula.

Por outro lado, os docentes que não concordam com essa relação parecem reconhecer que a indisciplina escolar também pode emergir de outros factores externos

à família, como o clima escolar, a qualidade da gestão da sala de aula, a relação entre professor e aluno e até mesmo a influência do grupo de pares.

Simonsen et al. (2008, p. 352) argumentam que a eficácia das práticas de gestão em sala de aula pode reduzir significativamente a ocorrência de comportamentos indisciplinados, independentemente do contexto familiar do aluno. Isso significa que, mesmo quando a criança provém de um ambiente familiar desestruturado, a escola pode desempenhar um papel compensatório através de estratégias educativas consistentes e inclusivas.

Tabela Nº VIII

d) A participação da família influencia no desenvolvimento escolar do aluno?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	8	80%
Não	2	20%
Total	10	100%

Os resultados da oitava tabela, indicam que dos dez professores inquiridos, oito deles compondo oitenta por cento, afirmaram que a participação da família influencia no desenvolvimento escolar do aluno. Outros dois, o que corresponde a vinte por cento, responderam que não.

A presença ativa da família no percurso académico dos filhos traduz-se não apenas no acompanhamento das tarefas escolares, mas também na valorização da aprendizagem, no estabelecimento de rotinas de estudo e no incentivo à disciplina.

Epstein (2018, p. 15), no seu modelo de envolvimento parental, defende que “quando as famílias e as escolas trabalham em parceria, criam condições mais favoráveis para a motivação, o rendimento académico e o desenvolvimento socioemocional dos alunos”. Assim, os professores que percecionam positivamente essa influência reconhecem que a escola, por si só, não consegue suprir todas as necessidades de desenvolvimento do aluno, sendo o apoio familiar um complemento essencial.

Por outro lado, a opinião minoritária dos 20% de professores que não consideram determinante a participação familiar pode estar relacionada com experiências em que, mesmo sem grande envolvimento dos pais, os alunos apresentaram bom desempenho escolar. Contudo, é importante sublinhar que tais casos tendem a ser exceções e não a regra, visto que, em termos gerais, a investigação mostra uma associação positiva entre o envolvimento parental e os resultados escolares.

Fan e Chen (2001, p. 29) verificaram numa meta-análise que “o envolvimento parental está significativamente correlacionado com o desempenho académico, independentemente da origem socioeconómica do aluno”.

Tabela Nº IX

e) Em sua opinião quais são a(s) causa(s) da indisciplina escolar?

Opções	**Frequência**	**Percentagem**
Aulas monótonas, tradicionais	2	20%
Excessivo número de alunos em classe	3	30%
A falta de preparo dos professores	2	20%
Espaço inadequado	0	0%
Fraqueza ou inexistência	0	0%
Inércia do professor	1	10%
Família desestruturada	1	10%
Falta de motivação dos alunos	1	10%
Ausência ou falta de praxes	10	100%

De acordo com a nona tabela, os professores apontaram várias causas para a indisciplina escolar, demonstrando que este fenómeno não resulta de um único fator, mas sim de uma combinação de variáveis de natureza pedagógica, institucional e social. Entre os inquiridos, 20% atribuíram a indisciplina às aulas monótonas e

excessivamente tradicionais, revelando que métodos pedagógicos pouco dinâmicos podem gerar desinteresse e comportamentos disruptivos nos alunos.

Tal resultado encontra eco na investigação de Silva e Mello (2017), que demonstram que metodologias ativas, como projetos colaborativos e aprendizagens baseadas em problemas, tendem a reduzir significativamente a indisciplina por promoverem maior envolvimento dos estudantes.

Outro fator destacado por 30% dos professores, foi o excessivo número de alunos por turma, evidenciando como a superlotação das salas de aula prejudica tanto o processo de ensino como a disciplina. Em contextos com turmas numerosas, o professor encontra maiores dificuldades em gerir comportamentos, acompanhar individualmente os alunos e aplicar estratégias diferenciadas, aumentando assim a probabilidade de ocorrência de conflitos.

Estudos da OCDE (2019) reforçam que turmas reduzidas contribuem para uma maior qualidade do ensino, melhor gestão da sala de aula e maior proximidade relacional entre professor e aluno.

Por sua vez, 20% dos professores consideraram a falta de preparo dos professores, como causa da indisciplina. Este dado levanta a reflexão sobre a necessidade de investir na formação inicial e contínua dos professores, sobretudo em competências de gestão de sala de aula e estratégias motivacionais.

Como defende Perrenoud (2000), o professor do século XXI precisa dominar não apenas os conteúdos, mas também saber gerir a heterogeneidade da turma e desenvolver práticas pedagógicas que previnam conflitos.

Outros factores menos expressivos, mas ainda relevantes, foram mencionados: a inércia do professor (10%), a família desestruturada (10%), a falta de motivação dos alunos (10%) e a ausência ou falta de praxes escolares (10%). Estas respostas revelam que, embora minoritárias, algumas perceções dos professores atribuem a indisciplina tanto a aspetos individuais (como a motivação dos alunos) como a factores externos à

escola (como a estrutura familiar). A literatura confirma que famílias pouco envolvidas ou marcadas por contextos de instabilidade tendem a dificultar o processo de socialização, refletindo-se na indisciplina (Gonçalves, 2011).

No entanto, chama a atenção o facto de todos os professores (100%) terem identificado a ausência ou fragilidade de regras e normas institucionais como a principal causa da indisciplina. Este resultado é particularmente significativo, pois reforça que, para além de factores individuais ou familiares, a indisciplina está fortemente relacionada com a inexistência de políticas escolares claras, coerentes e aplicadas de forma consistente.

Tal evidência confirma a perspetiva de Arends (2014), para quem “a clareza das regras e a consistência na sua aplicação são fundamentais para a criação de um clima disciplinado e produtivo em sala de aula.

3. Questionário dirigido aos alunos

Tabela Nº X

a) Você acha que o seu comportamento em sala de aula tira atenção dos colegas?

Opções	**frequência**	**Percentagem**
Sim	19	73,07%
Não	7	26,9%
Total	26	99,99(100)%

A análise da décima tabela, referente à perceção dos alunos sobre o impacto do seu comportamento em sala de aula, revela que a maioria (73,07%) reconhece que as suas atitudes podem prejudicar a atenção dos colegas, enquanto apenas 26,9% não partilham dessa visão. Este resultado demonstra uma consciência crítica significativa por parte dos estudantes, ao admitirem que a sua conduta influencia diretamente o processo de ensino-aprendizagem coletivo.

Este dado é importante porque confirma que os próprios alunos têm noção de que comportamentos disruptivos, como conversas paralelas, uso indevido de dispositivos

móveis ou distrações constantes, comprometem não só o seu próprio rendimento, mas também o dos colegas.

Nesse sentido, Charlot (2002) sublinha que “a sala de aula é um espaço coletivo, e a aprendizagem depende de condições de concentração e respeito mútuo”, salientando a necessidade de todos os alunos assumirem responsabilidade pelo clima escolar.

Por outro lado, o facto de cerca de 27% dos alunos não reconhecerem que o seu comportamento interfere na aprendizagem dos outros, pode indicar uma ausência de autorreflexão ou mesmo de consciência das consequências das suas ações. Esse dado é preocupante, pois revela que uma parte considerável dos alunos não associa os seus gestos e atitudes à perturbação do ambiente de ensino.

Como observa Vygotsky (1991), o desenvolvimento da consciência crítica e da autorregulação é fundamental para a convivência escolar saudável, devendo a escola promover espaços de diálogo e estratégias pedagógicas que estimulem essa capacidade.

Além disso, a predominância de respostas afirmativas sugere que os alunos identificam a indisciplina não apenas como um problema imposto externamente (pelos professores, regras ou família), mas também como uma responsabilidade individual. Esse aspeto é positivo, pois abre caminho para intervenções que envolvam maior protagonismo dos próprios alunos no processo de construção de um ambiente disciplinado. Programas de mediação de pares, assembleias escolares e projetos de cidadania podem ser ferramentas eficazes para fortalecer essa corresponsabilização.

Tabela Nº XI

b) A indisciplina dos colegas atrapalha o seu aprendizado?

Opções	**frequência**	**Percentagem**
Sempre	17	65,38%
Algumas vezes	9	34,61%
Nunca	00	00%
Total	26	99,99 (100)%

Os dados da décima primeira tabela revelam que a grande maioria dos alunos inquiridos reconhece que a indisciplina dos colegas tem impacto negativo no seu processo de aprendizagem. Destes, 65,38% afirmam que a indisciplina sempre interfere na sua concentração e rendimento, enquanto 34,61% admitem que essa perturbação ocorre apenas em algumas ocasiões. É significativo o facto de nenhum aluno, ter declarado que a indisciplina nunca afeta o seu aprendizado, o que evidencia que, em maior ou menor grau, todos percebem os seus efeitos prejudiciais.

Este resultado confirma a compreensão de que a aprendizagem não se dá de forma isolada, mas num espaço coletivo em que o comportamento dos colegas desempenha um papel determinante.

Como defende Esteve (1999), o clima da sala de aula constitui um dos factores mais decisivos para o êxito educativo, pois condiciona tanto o rendimento académico como a motivação dos alunos.

Assim, a indisciplina não se configura apenas como um problema de gestão escolar, mas como um obstáculo direto ao desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes.

Ao observar que a maioria indica sofrer de forma constante com a indisciplina, pode-se inferir que existem problemas recorrentes de ordem disciplinar nas turmas investigadas, os quais criam um ambiente de dispersão e diminuem o aproveitamento das atividades pedagógicas.

Essa situação corrobora os achados de Charlot (2002), para quem a indisciplina mina a relação dos alunos com o saber, dificultando a apropriação dos conteúdos e a construção de significados no processo de aprendizagem.

Já os 34,61% que consideram que a indisciplina apenas às vezes compromete a aprendizagem sugerem que o problema, embora existente, não é sempre impeditivo do rendimento escolar. Esse grupo pode estar mais habituado a estratégias individuais de concentração, ou a depender menos do silêncio e da ordem para prosseguir com os

estudos. No entanto, tal capacidade não elimina os impactos globais que o ambiente ruidoso ou desorganizado exerce sobre a sala de aula.

O facto de nenhum aluno ter respondido que a indisciplina nunca afeta o aprendizado é particularmente revelador, pois demonstra que, mesmo em graus diferentes, os estudantes reconhecem a gravidade do problema. Isso implica que a escola deve olhar para a indisciplina como uma questão coletiva e estrutural, e não como episódios pontuais ou isolados. Estratégias de gestão participativa, regras claras e medidas preventivas, como programas de mediação de conflitos e atividades socioeducativas, podem ser fundamentais para mitigar esse fenómeno.

Em síntese, os resultados desta tabela confirmam que a indisciplina é uma barreira efetiva ao processo de ensino-aprendizagem e que os alunos estão conscientes desse impacto. Contudo, a existência de diferentes perceções quanto à frequência dessa interferência aponta para a necessidade de políticas pedagógicas que não apenas imponham disciplina, mas que envolvam os estudantes na construção de um ambiente escolar mais saudavel.

Tabela Nº XII

c) A indisciplina em sala de aula prejudica o desempenho do professor?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	20	76,92%
Não	2	7,69%
Às vezes	4	15,38%
Total	26	99,99(100)%

A décima segunda tabela apresenta a perceção dos alunos sobre a relação entre a indisciplina em sala de aula e o desempenho do professor. Os resultados mostram que 76,92% dos estudantes reconhecem que a indisciplina compromete de forma significativa a atuação do professor, 15,38% consideram que essa influência ocorre

apenas algumas vezes, e apenas 7,69% defendem que o rendimento do professor não é afetado. Esta distribuição evidencia que, para a maioria dos alunos, existe uma clara ligação entre o comportamento da turma e a eficácia do trabalho pedagógico.

Estes dados confirmam a literatura sobre gestão da sala de aula, que identifica a indisciplina como um dos factores mais desmotivadores e desgastantes para os professores. Para Esteve (1999), “a perda de autoridade do professor e as constantes interrupções em sala de aula, geram desgaste emocional e diminuem a capacidade do professor de desempenhar plenamente o seu papel”. Assim, a perceção dos estudantes corrobora os estudos que associam a indisciplina ao enfraquecimento do rendimento pedagógico e ao aumento do mal-estar do professor.

Ao admitir que a indisciplina prejudica o desempenho do professor, os alunos demonstram compreender que os efeitos do comportamento inadequado não se limitam ao rendimento discente, mas estendem-se também ao trabalho do professor. Isso é particularmente relevante, pois mostra uma consciência coletiva de que o processo educativo é bidirecional: o professor depende da colaboração dos alunos para ensinar de forma eficaz, e os alunos dependem do professor para aprenderem em condições adequadas. Por outro lado, a presença de 15,38% dos inquiridos que afirmam que o problema ocorre apenas às vezes sugere que o impacto da indisciplina pode variar em função da postura do professor, da disciplina em questão ou das estratégias pedagógicas utilizadas. Professores que adotam práticas inovadoras e metodologias participativas podem conseguir, em determinados momentos, reduzir a influência da indisciplina no seu desempenho, embora não consigam eliminá-la totalmente.

Já os 7,69% que não reconhecem essa relação, podem refletir uma visão idealizada ou mesmo uma perceção limitada sobre os desafios enfrentados pelos professores. Essa minoria parece acreditar que os professores conseguem manter o mesmo nível de desempenho independentemente das circunstâncias na sala de aula, o que contrasta com a realidade descrita pela investigação educacional. Como salienta Nóvoa (2009), “o trabalho do professor é altamente dependente do contexto e das condições escolares, sendo a indisciplina um dos elementos que mais fragiliza a qualidade da prática pedagógica”.

Tabela Nº XIII

d) Você acredita que o comportamento dos alunos influencia na preparação da aula do professor?

Opções	**frequência**	**percentagem**
Sim	14	53,84%
Não	6	23,07%
Às vezes	6	23,07%
Total	26	99,99(100)%

A décima terceira tabela revela a perceção dos alunos quanto à relação entre o comportamento da turma e a preparação das aulas por parte do professor. De acordo com os dados, 53,84% dos estudantes acreditam que o comportamento influencia diretamente a forma como os professores preparam as suas aulas, 23,07% consideram que essa influência não existe e outros 23,07% entendem que a situação pode ocorrer apenas em determinadas circunstâncias.

A predominância de alunos que reconhecem a ligação entre indisciplina e planeamento pedagógico, demonstra uma compreensão de que o professor não actua de forma isolada, mas ajusta as suas práticas em função do clima de sala de aula.

Como refere Libâneo (2013, p. 122), “a organização e o planeamento das aulas não são processos neutros, mas respondem às condições concretas da escola, da turma e da relação pedagógica”. Isso significa que quando os professores enfrentam comportamentos inadequados, tendem a alterar estratégias, simplificar conteúdos ou investir mais tempo em atividades de controlo da turma, o que pode limitar o aprofundamento do trabalho pedagógico.

Os 23,07% que responderam “às vezes” evidenciam uma perceção mais contextualizada: compreendem que há situações em que os professores conseguem manter o planeamento sem grandes alterações, mas que, em turmas problemáticas, os ajustes são inevitáveis. Este dado indica que os alunos conseguem reconhecer que o impacto da indisciplina não é uniforme, mas depende de factores como a gravidade dos

comportamentos, o número de alunos envolvidos e a capacidade de gestão da turma pelo professor.

Já os 23,07% que não acreditam na influência do comportamento dos alunos na preparação do professor, podem refletir um desconhecimento sobre o trabalho invisível realizado pelos professores fora da sala de aula. Muitos alunos tendem a associar a preparação da aula a um processo rígido e independente, sem perceberem que a experiência do professor com as turmas anteriores influencia diretamente o modo como organiza as aulas futuras.

Como defendem Tardif e Lessard (2011), “o ensino é uma atividade interativa que se constrói no quotidiano, em função das reações, resistências e envolvimento dos alunos”.

Tabela Nº XIV

e) Você acredita que a indisciplina do aluno em sala de aula é reflexo do seu comportamento em casa?

Opções	**Frequência**	**Percentagem**
Sim	9	34,61¨%
Não	12	46.15%
Às vezes	5	19,23¨%
Total	26	99,99(100)%

A décima quarta tabela apresenta a perceção dos alunos acerca da relação entre o comportamento em casa e a indisciplina manifestada em sala de aula. De acordo com os resultados, 34,61% dos estudantes acreditam que a indisciplina escolar é um reflexo direto do comportamento vivido no ambiente familiar, 46,15% não partilham desta visão, e 19,23% consideram que a influência pode ocorrer apenas em determinadas circunstâncias.

O grupo de alunos que associa a indisciplina ao comportamento em casa demonstra consciência do papel estruturante da família na formação de valores, atitudes e hábitos comportamentais. A literatura especializada reforça este entendimento, pois,

segundo Paro (2010, p. 88), a família é a primeira instância socializadora do indivíduo, exercendo influência decisiva sobre as condutas que serão reproduzidas no espaço escolar.

Assim, quando o ambiente doméstico apresenta fragilidades, como ausência de regras claras, falta de acompanhamento ou mesmo situações de violência, há uma maior probabilidade de os estudantes reproduzirem comportamentos inadequados no espaço escolar.

No entanto, a maioria dos inquiridos (46,15%) não reconhece essa relação de forma direta, o que pode indicar duas interpretações: por um lado, muitos alunos tendem a separar as esferas da vida familiar e escolar, considerando que a indisciplina se deve a factores internos à própria escola (como aulas desmotivadoras, regras rígidas ou dificuldades de aprendizagem); por outro lado, pode revelar uma resistência em admitir que problemas familiares possam estar na base dos seus próprios comportamentos em sala de aula.

Já os 19,23% que responderam “às vezes” demonstram uma posição mais equilibrada, reconhecendo que a indisciplina pode sim estar ligada ao ambiente familiar, mas que não se trata de uma relação determinista. Esta perspetiva vai ao encontro de estudos que defendem que o comportamento escolar resulta de múltiplos factores: familiares, escolares, sociais e individuais. E, que não deve ser explicado por uma única variável. (Estrela, 2002)

CONCLUSÕES

A indisciplina escolar constitui o assunto em abordagem que incide sobre sua influência no aprendizado dos alunos da 9ª classe da escola do I Ciclo nº 5002 do município do Viana. Com base ao problema apresentado, foram formuladas algumas questões de investigação para melhor dirigir os procedimentos do trabalho. Questões como as concepções teóricas que fundamentam a indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos; a situação actual da indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos; o diagnóstico, a situação actual da indisciplina escolar e sua influência no aprendizado dos alunos.

Dada constatação, entre as principais causas da indisciplina escolar destacaram-se: as causas relativas a organização escolar, causas relativas a família, causas relativas ao aluno e as causas gerais. Contudo, entre as causas gerais da indisciplina destacam-se:

Falta de motivação; Falta de firmeza; Mau ensino que provoca revolta; Falta de disciplinarão atempada; Conflito de gerações; Grau de exigência desadequado; Professores sem especificação das razões.

Em relação as causas relativas ao aluno salientam-se, a falta de atenção (desvalorização), timidez, a falta de autocontrolo, a falta de motivação, a falta de autonomia, a necessidade de afirmação, o tipo de personalidade, patologias, dificuldade de inserção no grupo, insucesso escolar, aluno sem especificação das razões, causas relativas às famílias, problemas de infância, estrutura familiar, falta de atenção (afecto), falta de estimulo, superproteção dos pais, tipos de convívio.

Quanto as causas relativas as organizações escolares evidenciam-se, a má constituição de turmas e a difícil transição de níveis de escolaridade.

SUGESTÕES

Face às situações anteriormente apresentadas, relativamente às causas e consequências da indisciplina escolar, tornam-se necessárias algumas propostas de intervenção que envolvam de forma integrada pais e encarregados de educação, alunos e professores.

a) Para os pais e encarregados de educação

O envolvimento dos pais e encarregados de educação constitui um fator decisivo para o rendimento académico e para a formação integral dos alunos. Os dados revelaram que a maioria dos pais limita a sua participação a momentos pontuais, como reuniões, início ou final do ano letivo, o que mostra um acompanhamento insuficiente. Para que o processo educativo seja eficaz, é fundamental que os pais assumam uma postura mais regular e ativa no acompanhamento da vida escolar dos filhos.

Este acompanhamento deve ir além do apoio técnico às tarefas, representando também a oportunidade de criar rotinas de estudo, estimular a autonomia e reforçar a disciplina. O diálogo frequente entre pais e filhos sobre as experiências escolares fortalece a motivação e demonstra a valorização da educação como prioridade familiar. Quando os valores transmitidos em casa coincidem com os exigidos na escola, reduz-se significativamente o risco de indisciplina e promove-se um clima favorável à aprendizagem.

Assim, recomenda-se que os pais cultivem hábitos de acompanhamento contínuo, estabeleçam regras claras, mantenham contacto regular com a escola e transmitam valores de respeito, responsabilidade e cooperação. Estas medidas não só contribuem para o sucesso académico imediato, como também para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis.

b) Para os alunos

A sala de aula deve ser entendida como um espaço coletivo de aprendizagem, no qual o respeito mútuo e a disciplina são condições fundamentais para o bom funcionamento. A responsabilidade dos alunos não se resume ao cumprimento das tarefas escolares, mas inclui também a preservação de um clima de respeito e cooperação que favoreça a todos. A indisciplina compromete não apenas o rendimento

individual, mas também o progresso coletivo, tornando essencial que cada estudante reconheça o impacto das suas atitudes.

O clima escolar é um fator determinante para a motivação e para o rendimento académico. Quando os alunos adotam comportamentos de respeito, atenção e colaboração, contribuem para um ambiente mais estável e produtivo. Pelo contrário, atitudes de gozo, desrespeito ou interrupção do professor prejudicam o processo de ensino e aprendizagem, enfraquecendo a dinâmica da turma.

Desta forma, os alunos devem compreender que a disciplina não é uma imposição arbitrária, mas sim uma condição indispensável para a construção do seu futuro académico e pessoal. O respeito ao professor, a obediência às orientações dadas e a cordialidade nas relações com os colegas são práticas que fortalecem o ambiente escolar e refletem maturidade e responsabilidade.

c) Para os professores

O professor desempenha um papel central na manutenção da disciplina e na promoção de um ambiente favorável ao ensino. Mais do que transmitir conteúdos, é responsável por criar um clima relacional saudável, baseado no respeito, na empatia e na confiança mútua. Uma relação equilibrada com os alunos reduz os conflitos e aumenta o comprometimento dos estudantes com as regras e com a aprendizagem.

É fundamental que os professores evitem práticas discriminatórias ou rótulos que dividam a turma em categorias de “bons” e “maus” alunos. O tratamento equitativo fortalece a autoestima e promove o envolvimento de todos. A autoridade do professor deve ser exercida com firmeza, mas também com justiça e abertura ao diálogo, de modo a transformar a disciplina numa conquista partilhada e não numa imposição autoritária.

Além disso, os docentes devem estar atentos ao impacto das suas próprias atitudes no clima da sala de aula. Posturas de impaciência, ironia ou desmotivação podem fragilizar a sua autoridade e contribuir para a indisciplina. Pelo contrário, atitudes de valorização do esforço, de incentivo à participação e de diálogo construtivo reforçam a harmonia do grupo e elevam a qualidade do ensino. O professor deve assumir-se, assim, como mediador de relações humanas e formador de cidadãos, promovendo não apenas o saber académico, mas também valores de convivência e cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abou, G. (2004) ***Contexto Escolar E Processo Ensino Aprendizagem: Acções e interações***. Sao Paulo: Arte&Ciência.

ALEXANDRE, S. e KIVUNA, M. (2005) «***Alguns fundamentos básicos da Didáctica em educação»*** Dilanel, Uíge, Angola.

Aquino, G. (1996), ***A desordem na relação professor-aluno***. In: Aquino. J.G. (org) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas.8 ed. São Paulo: Summus.

Arends, R. I. (2014). ***Learning to teach***. McGraw-Hill Education.

Bronfenbrenner, U. (1979). ***The ecology of human development: Experiments by nature and design*.** Harvard University Press.

Buckingham, D. (2007). ***Media education: Literacy, learning and contemporary culture***. Cambridge: Polity Press.

Camacho, Alfredo & Tavares, António (2010). ***O NOSSO DICIONÁRIO: Dicionário da língua Portuguesa***. Pe. Plátano Editora.Dicionário de Língua Portuguesa, (2015), Lisboa.

Castro, M., Expósito-Casas, E., López-Martín, E., Lizasoain, L., Navarro-Asencio, E., & Gaviria, J. L. (2015). ***Parental involvement on student academic achievement: A meta-analysis***. *Educational Research Review*.

Charlot, B. (2000). ***Da relação com o saber: elementos para uma teoria***. Porto Alegre: Artmed.

Charlot, B. (2002). ***Da relação com o saber: Elementos para uma teoria***. Porto Editora.

Charlot, Bernard. (2013) ***Da relação com o saber às práticas educativas***. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

Deslandes, R., & Oliveira, C. T. (2016). ***Família e escola: Construindo parcerias***. Curitiba: Appris.

Epstein, J. L. (2011). ***School, family, and community partnerships: Preparing educators and improving schools*** (2nd ed.). New York: Routledge.

Epstein, J. L. (2018). ***School, family, and community partnerships: Preparing educators and improving schools*.** Routledge.

Esteve, J. M. (1999). ***O mal-estar docente***. Porto Editora.

Esteve, J. M. (2014). ***O mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores***. Porto Editora.

Estrela, A. (1992). ***Educação, escola e disciplina***. Lisboa: Livros Horizonte.

Estrela, M. T. (2002). ***Indisciplina na escola: Causas e estratégias de prevenção***. Porto Editora.

Estrela, M. T. (2018). ***Indisciplina e gestão da sala de aula***. Porto: Porto Editora.

Fan, W., & Chen, M. (2001). ***Parental involvement and students' academic achievement: A meta-analysis*.** *Educational Psychology Review*.

Fonseca, Y. (1999). ***«o Insucesso escolar: abordagem psico - pedagógico das dificuldades da aprendizagem»*** 2ª Ed. Ancora. Lisboa.

Fontana, D. (2002), ***Psicologia para professores***.2 ed. edições Loiola.São Paulo.

Garcia, Carlos Marcelo, (2009). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

Garcia, R. L. (2013). ***Indisciplina escolar: desafios e possibilidades de intervenção pedagógica.*** Lisboa: Escolar Editora.

Garcia, R. L., & Moreira, A. F. (2021). ***Educação e indisciplina: Desafios contemporâneos***. São Paulo: Cortez.

Gebran, R. (2004), ***Contexto Escolar e Processo Ensino Aprendizagem***. Arte& Ciência. São Paulo.

Gil, António Carlos (2002). ***Como elabora projecto de pesquisa***. Editora Atlas. S. Paulo.

Gomes, A. (2009). ***«Dicionário elementar»,*** Gráfica europa, Luanda, Mem-Martins, Portugal.

Gonçalves, C. (2011). *I**ndisciplina na sala de aula: causas e estratégias de intervenção***. Porto Editora.

Guirado, M. (1996), ***Poder indisciplina. in: aquino. j.g. (org) indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas***3 ed.-São Paulo: Summus.

Hill, N. E., & Tyson, D. F. (2009). ***Parental involvement in middle school: A meta-analytic assessment of the strategies that promote achievement***. *Developmental Psychology.*

Hoover-Dempsey, K. V. & Sandler, H. M. (1995). "***Parental involvement in children's education: Why does it make a difference?***" *Teachers College Record*.

HORNBY, G., & Lafaele, R. (2011). ***Barriers to parental involvement in education: An explanatory model***. *Educational Review*.

Jeynes, W. H. (2018). ***A meta-analysis: The relationship between parental involvement and African American school outcomes.*** *Journal of Black Studies*, p. 440.

Korpershoek, H., Harms, T., de Boer, H., van Kuijk, M., & Doolaard, S. (2016). ***A meta-analysis of the effects of classroom management strategies and classroom management programs on students' academic, behavioural, emotional, and motivational outcomes***. *Review of Educational Research*.

Lakatos, E. M. (1979). ***O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho.***São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Libâneo, J. C. (2012). ***Didática***. São Paulo: Cortez.

Libâneo, J. C. (2013). ***Didática***. Cortez Editora.

Libâneo, José Carlos. (2012) ***Educação escolar: políticas, estrutura e organização***. São Paulo: Cortez.

Livingstone, S. (2009). ***Children and the Internet: Great expectations, challenging realities***. Cambridge: Polity Press.

Longobardi, C., Prino, L. E., Marengo, D., & Settanni, M. (2019). ***Student-teacher relationships as a protective factor for school adjustment during the transition from middle to high school***. *Frontiers in Psychology*.

Lucau, K. (2008). ***«Manual de apoio a Filosofia da Educação»*** ISCED – Uíge, Angola.

Magalhães. Jr. Ag (2002). ***Um dispositivo chamado Foucault***. Fortaleza LCR.

Marzano, R. J., & Marzano, J. S. (2003). ***The key to classroom management***. Educational Leadership.

Nóvoa, A. (2009). ***Professores: imagens do futuro presente***. Educa.

OCDE (2019). ***Education at a Glance 2019: OECD Indicators***. OECD Publishing.

Oliveira, Maria Isete. (2005). ***Indisciplina escolar, determinantes, consequências e acções.*** Brasília Liber Livro.

Paro, V. H. (2007). ***Gestão democrática da escola pública***. São Paulo: Ática.

Paro, V. H. (2010). ***Educação, família e sociedade***. Cortez Editora.

Perrenoud, P. (2000). ***Dez novas competências para ensinar***. Artmed.

Perrenoud, P. (2019). ***Dez novas competências para ensinar***. Porto Alegre: Artmed.

Perrenoud, Philippe, (2008). ***Dez novas competências para ensinar***. Porto Alegre: Artmed.

Silinskas, G., & Kikas, E. (2019). ***Parental involvement in math homework: Links to children's performance and motivation***. *Learning and Instruction*.

Silva, C., & Mello, M. (2017). **Metodologias ativas como estratégia de combate à indisciplina escolar**. *Revista Educação e Pesquisa*.

Simonsen, B., Fairbanks, S., Briesch, A., Myers, D., & Sugai, G. (2008). ***Evidence-based practices in classroom management: Considerations for research to practice***. *Education and Treatment of Children*.

Sousa, A. (2008). ***Família e escola: um diálogo necessário***. Lisboa: Texto Editores.

Tardif, M., & Lessard, C. (2011). ***O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas***. Vozes.

Tavares, Tatiane Salvador da Cruz (2012). ***A indisciplina Escolar e sus influência no aprendizado***. Monografia. Universidade Tecnológica Paraná. Brasil.

Tiba, I. (1996). ***Disciplina: O limite na medida certa*** (6.ª ed.). São Paulo: Gente.

Tomelin, K.N (2007). ***Indisciplina escolar.*** Blumenau. Nova Letra.

Valkenburg, P. M., & Piotrowski, J. T. (2017). ***Plugged in: How media attract and affect youth***. New Haven: Yale University Press.

Vasconcellos, C. S. (2004). ***Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula***. São Paulo: Libertad.

Vasconcellos, C. S. (2020). ***Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa na escola*.** São Paulo: Libertad.

Vasconcellos, Celso dos Santos (2015). ***Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula***. São Paulo: Libertad.

Viegas, Américo (2012), ***A Educação Hoje. Obras Básica. Editorial*** Perpétuo socorro. Vila Nova de Gaia. Portugal.

Vygotsky, L. S. (1991). ***A formação social da mente***. Martins Fontes.

Wilder, S. (2014). ***Effects of parental involvement on academic achievement: A meta-synthesis***. *Educational Review*.